



Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD

RENATA MIRANDA SAVI

**AS NOVAS CONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS E OS IMPACTOS
SOBRE AS CRIANÇAS E OS ADOLESCENTES.**

Brasília
2023

RENATA MIRANDA SAVI

**AS NOVAS CONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS E OS IMPACTOS
SOBRE AS CRIANÇAS E OS ADOLESCENTES.**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Profa Erika Reimann

Brasília
2023

RENATA MIRANDA SAVI

**AS NOVAS CONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS E OS IMPACTOS
SOBRE AS CRIANÇAS E OS ADOLESCENTES.**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Profa Erika Reimann

Brasília, 30 de março de 2023.

Banca Examinadora

Profa. Me. Valeska Kouzak

Prof. Dr. Gilson Ciarallo

Dedico esta monografia a todas as mulheres fortes e destemidas – antepassadas e contemporâneas – que me encorajam e me recordam de nunca me calar diante da tentativa de silenciamento, perpetuada pela misoginia.

AGRADECIMENTO(S)

Primeiramente, agradeço à minha orientadora **Erika Reimann** por todo o conhecimento transmitido através das orientações e durante o curso de teoria psicanalítica. Agradeço por sua paciência, voracidade e gentileza em me orientar., E, claro, pelo sempre bom papo tomando um cafezinho.

Agradeço em especial a minha amiga amada **Debora Hanna** que sentou comigo inúmeras vezes para me escutar e me ajudar na elaboração e na organização dos meus pensamentos. Obrigada, Debora, por sempre me fazer enxergar minha potencialidade.

Agradeço a minha prima **Aline Savi** por me ajudar no processo final da monografia, tão difícil e exaustivo, me fazendo dar risadas, tornando o processo mais leve, e por, sempre, acreditar no meu trabalho.

Agradeço meus pais, **Araci e Deonezio**, por compreenderem minha concentração nas horas de escrita e cuidarem de mim nesse processo, fazendo comidinhas e um cafezinho.

Agradeço a paciência do meu amor **Pedro Maragno** por compreender minha ausência em vários momentos, ser paciente comigo quando o desespero batia e me acolher, me enchendo de carinho e amor.

Agradeço a todos os professores (**Adriana Brill, Ana Osella, Carlos Frausino, Gustavo Ribeiro, Lívia Milhomem, Luciano Antunes, Marcelo Pio, Sandra Francesca, Tania Cruz, Thaís Sarmanho**) da pós-graduação em teoria psicanalítica a grande contribuição na trajetória dos estudos em psicanálise que possibilitou esse trabalho de conclusão de curso. Um agradecimento especial ao professor e coordenador do curso **Marcos Abel** e professor **Gilson Ciarallo** que sempre foram muito atenciosos, prestativos e compreensivos com toda parte burocrática do processo de formação que impactam diretamente no trabalho final.

Agradeço o meu analista **Thiago Vaitsman** pela sua escuta e por acompanhar desde a primeira produção científica minhas inseguranças intelectuais.

Last but not least, I want to thank my childhood friend **Jennifer** for helping me with the English version of the abstract and allowing this discussion to cross borders.

E o mundo a me exigir decisões para as quais não
estou preparada. Decisões não só a respeito de
provocar o nascimento de fatos, mas também
decisões sobre a melhor forma de se ser.

Clarice Lispector

RESUMO

Com o crescimento de novas configurações identitárias através das mídias sociais e do entretenimento, se fez necessário à psicanálise adentrar no debate acadêmico sobre as possíveis influências que essa exposição pode ter na formação da identidade das crianças e jovens. Na clínica, é comum que pacientes jovens baseiem suas conclusões sobre seus problemas de identidade em noções preconcebidas extraídas das configurações de identidade dominantes às quais foram expostos, embora incapazes de fornecer quaisquer experiências pessoais e singulares para apoiar tais conclusões quando buscam ajuda de seus analistas. Para tanto, este estudo teve por objetivos analisar as consequências destas derivas identitárias sobre as subjetividades ainda em formação das crianças e dos adolescentes. Além disso, entender o conceito de sexualidade infantil na psicanálise, traçar uma linha histórica/social/política do conceito de infância e entender a formação dos grupos identitários, a partir dos estudos de Freud, Klein e autores contemporâneos. O conceito de infância – que é historicamente novo – surgiu a partir da invenção do letramento e da noção de vergonha. Apesar de novo, presencia-se, precocemente, o seu desaparecimento: crianças e adolescentes, sujeitos ainda em desenvolvimento, estão sendo estimulados, por parte da sociedade atual, a tomarem decisões importantes e de caráter muitas vezes irreversível, a rigor, imprópria para esta fase da vida. Considera-se importante resistir aos discursos fundamentalistas onde não cabe a crítica no campo acadêmico sobre as consequências das políticas identitárias que ignoram as singularidades e os impactos nocivos sobre as subjetividades infanto-juvenis.

Palavras-chave: Infância e adolescência. Grupos identitários. Desenvolvimento Psicosssexual. Sigmund Freud. Melanie Klein

ABSTRACT

With the growth of certain generic identity configurations becoming mainstream through social and entertainment media, it is reasonable for psychoanalysts to become concerned and delve into academic debates on the influences such tunneled access of information may have on the subjectivities of children and youth. It is a common phenomenon at clinics for youth patients to present conclusions about their own identity issues based on preconceived notions drawn from the mainstream identity configurations they have been exposed to, though unable to provide any specific personal experiences to support such conclusions whilst seeking help from their analyst. Hence, this study aims to analyze the consequences of these identity drifts on the subjectivities in developmental stages of children and adolescents. Further, it is to understand the concept of infantile sexuality in psychoanalysis, to trace a historical/social/political line of the concept of childhood and to understand the formation of identity groups, based on the studies of Freud, Klein and contemporary authors. The concept of childhood – which is historically new – emerged from the invention of literacy and the notion of shame. Despite being new, we are witnessing its early disappearance: society is stimulating an early onset of crucial decision making by children in this impressionable and developing phase of life, with irreversible consequences. Therefore, it is considered important to resist fundamentalist discourses where there is no room for criticism in the academic field about the outcome of identity policies that ignore singularities and questionably harmful impacts on children's subjectivities.

Key words: Childhood and adolescence. Identity groups. Psychosexual Development. Sigmund Freud. Melanie Klein

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 A INFÂNCIA E A ADOLESCÊNCIA NO OCIDENTE	12
1.1 História social da infância e da adolescência.....	12
1.2 A sociedade pós-moderna e a dissolução da infância.....	16
2 MELANIE KLEIN E A FORMAÇÃO DO EGO	21
2.1 A posição esquizo-paranóide.....	21
2.2 A posição depressiva e o complexo de Édipo precoce.....	25
3 O PAPEL DO PRIMEIRO AMBIENTE SOCIAL NA FORMAÇÃO DO EGO	30
4 O DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL EM FREUD	34
4.1 A teoria sexual infantil e a questão da transexualidade.....	35
4.2 Adolescência.....	41
5 GRUPOS IDENTITÁRIOS E A PSICOLOGIA DAS MASSAS	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

*Quem come do fruto do conhecimento, é sempre expulso de algum paraíso.
Melanie Klein*

Nota-se um crescimento, no campo acadêmico e político, de discussões que versam sobre “identidade de gênero” e sexualidade, que não se restringem aos estudos feministas, alcançando os estudos sobre a teoria *queer*. E, no que diz respeito à psicanálise, o conceito de gênero tem sido objeto de controvérsia. Ao passo que os estudos avançam, surgem novas configurações identitárias e novas formas de subjetivação destas identidades. E, junto com o crescimento dessas novas configurações identitárias, aumentam as intervenções medicamentosas e cirúrgicas em corpos cada vez mais jovens.

Recentemente, aconteceram duas situações importantíssimas e relevantes as quais se comunicam bastante com o que este trabalho também visa discutir. Djamilia Ribeiro¹ foi recentemente acusada de transfobia nas redes sociais (principalmente pelo transativismo), depois de ter publicado uma matéria na Folha de São Paulo fazendo uma crítica de uma expressão que reduz a existência de mulheres e de homens trans à biologia; o nome da matéria foi “Nós, mulheres, não somos apenas ‘pessoas que menstruam’”. Ela, por sua vez, respondeu aos discursos de ódio e às várias cartas abertas de repúdio dizendo que, como pesquisadora e crítica de gênero, ela tem direito e legitimidade de questionar e divergir em nível intelectual a respeito da própria realidade. Neste caso, como se explica a reação odiosa por parte de um grupo identitário em relação à sua crítica?

Essa reação odiosa, devido à angústia persecutória que sempre se levanta diante da exposição ao outro, principalmente quanto aqueles que estão mais inseguros, pode ser explicada pelo que Roudinesco (2022) vai pontuar sobre o universo das identidades: onde o pertencimento é estabelecido como se fosse uma tribo, um clã ou uma etnia. Ou você pertence, e consequentemente é, pensa e se comporta igual ao grupo, ou não pertence, e, neste caso, é diferente, sendo um potencial “inimigo”. Em suas palavras,

Nada tem efeito mais regressivo para a civilização e a socialização que reivindicar uma hierarquia das identidades e dos pertencimentos. Claro que a afirmação identitária é sempre uma tentativa de combater a suspensão das minorias oprimidas, mas ela atua por meio do excesso de reivindicação de si, quiçá por um desejo louco de não se misturar mais com nenhuma outra comunidade exceto a sua. E quem adota esse recorte hierárquico da realidade está imediatamente condenado a inventar um novo ostracismo para aqueles que não serão incluídos nesse entre-si específico. Assim, longe de ser emancipador, o processo de redução identitária reconstrói aquele que pretende desfazer (ROUDINESCO, 2022, p.20).

¹ Filósofa, feminista negra, escritora e acadêmica brasileira de peso. Inclusive, sob sua coordenação, foi publicado um livro sobre transfeminismo.

Em uma busca desenfreada de identificação, percebe-se que nossa sociedade vive um momento esquizo-paranóide, onde esta busca da identidade está se dando de fora para dentro. A sociedade tem grande impacto na psiquê do sujeito na medida que essa formação do ego arcaico não se integra por inteiro ou sofre alguma intervenção mais traumática ao longo do seu desenvolvimento onde os limites não são mais respeitados em um mundo globalizado que busca uma eterna igualdade que jamais existirá. Há uma negação da alteridade e uma incapacidade de lidar com o diferente, o ódio daquele que não é igual a mim, ou seja, a posição esquizo-paranóide.

A partir do surgimento de novas configurações sociais, a psicanálise, enquanto um campo de saber importante na compreensão da subjetividade e sexualidade humana, é inquirida a responder sobre essas novas identidades e sobre as suas consequências em crianças e adolescentes. Principalmente por haver discordâncias teóricas e desafios conceituais no que diz respeito à noção de “identidade de gênero”, sobretudo no que diz respeito ao desenvolvimento emocional na esfera da singularidade. Têm estas crianças e adolescentes maturidade psicoemocional para tomar uma decisão tão importante e irreversível em suas vidas?

Os efeitos dessas crises de identidade aparecem diariamente na clínica e é a partir do discurso que podemos entender o quanto o sujeito é atravessado pelos problemas sociais globais os quais são consequências de mundos internos primitivos querendo se impor à realidade externa – e, muitas vezes, alcançam êxito: como a esquizofrenização social na qual vivemos em muitos momentos. É na clínica do singular onde, associando livremente, se apreende o Eu mais autêntico, longe das massas - das identidades, como bem dizia Freud (1921/2020, p.140) que a alma coletiva “os faz sentir, pensar, e agir de uma maneira completamente diferente de como cada um deles sentiria, pensaria e agiria isoladamente”. Toda teoria sem a clínica é vazia e não há sujeito desligado da sociedade no qual ele se constitui. No entanto, o social, enquanto massa, só atravessa o sujeito quando este possui uma autoestima mais insegura.

Portanto, a partir de literatura psicanalítica, o trabalho tem como objetivo analisar as consequências destas derivas identitárias sobre a subjetividades e corpos de crianças e adolescentes; entender o desenvolvimento psicosssexual da infância à vida adulta; traçar uma linha de tempo histórica/social/política e as urgências de se desenvolver estudos de gênero e sexualidade na teoria psicanalítica, sob novas manifestações de subjetividades; e ainda, compreender as implicações clínicas e os efeitos sobre a o desenvolvimento do sujeito contemporâneo.

A metodologia a ser utilizada para a realização desta monografia será, essencialmente, uma discussão teórico-conceitual a partir de uma revisão bibliográfica dos trabalhos Sigmund

Freud, Melanie Klein e Elisabeth Roudinesco e outros autores contemporâneos que contribuem para a discussão dos objetivos supracitados.

O presente trabalho foi então estruturado em 5 capítulos.

No primeiro capítulo, apresentamos o conceito de infância construído historicamente, sua importância para o desenvolvimento humano e para a sociedade e como este conceito tem sido dissolvido em nossa sociedade contemporânea - principalmente por conta das novas tecnologias de comunicação; o segundo capítulo proporciona uma análise sobre a formação do ego a partir da teoria de Melanie Klein, trazendo sua teoria sobre as posições esquizo-paranóide e posição depressiva e o complexo de Édipo precoce; no terceiro capítulo, analisamos a importância das primeiras relações sociais do sujeito, principalmente com a mãe, na integração do ego mais arcaico em busca de segurança e amparo; no quarto capítulo, trouxemos o conceito de sexualidade a partir da teoria de Sigmund Freud e como esta pode explicar o fenômeno da transexualidade em contraponto com a que é defendida pela medicina e pelo transativismo; no quinto (e último capítulo) discutimos as reais intenções dos grupos identitários por trás de tantas nomeações e como as pessoas em sofrimento psíquico, sujeitos inseguros e desamparados, são impactados negativamente por eles.

1 A INFÂNCIA E A ADOLESCÊNCIA NO OCIDENTE

A definição - ou conceito - do que vem a ser a infância e a adolescência pode, em primeiro momento, parecer uma tarefa difícil. A infância, tal como ela é concebida nos dias de hoje, como uma classe especial que difere da do adulto e que necessita de um tratamento especial e proteção, é um fenômeno historicamente muito recente. De acordo com o Postman (1999), precisou de duzentos anos na história para que o conceito se formasse. Apesar disso, já faz quatrocentos anos que há uma preocupação em traçar uma linha divisória entre o ser adulto e o ser infante-juvenil.

Hoje, no Brasil, há uma definição em lei, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – inspirado na Convenção sobre os Direitos da Crianças das Nações Unidas de 1989 - que subscreve em seu Art. 2º: “considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (1990). Esta é uma definição objetiva e que atende tão somente à cronologia do desenvolvimento humano, portanto não abarca a complexidade, as singularidades e as diferenças existentes em cada indivíduo destes períodos do desenvolvimento.

Evidentemente que a elaboração da legislação é fruto da construção de vários atores sociais como os movimentos sociais ideológicos, a pesquisa acadêmica, instituições públicas, entre outros. Crianças e adolescentes são sujeitos de direitos e merecem acesso à cidadania e a uma proteção diferente daquela estabelecida para o adulto, considerando a especificidade e a peculiaridade destas fases do desenvolvimento.

Pretendemos com essa primeira apresentação, entender a forma que estes conceitos foram construídos ao longo dos períodos históricos até chegar nos dias de hoje, e, a importância da construção desses conceitos para nossa civilização. Ressaltamos ainda que, dentro dessas diferentes concepções, a psicanálise teve e continua tendo uma grande contribuição teórica na história do conceito de infância. Assim, cabe a nós, com a produção científica, proteger e garantir os direitos tão arduamente conquistados para as crianças e para os adolescentes.

1.1 História social da infância e da adolescência

Postman (1999) acredita que as raízes da ideia de infância nasceram com os gregos; no entanto, apenas dois mil anos depois ela foi delimitada. Os romanos, por sua vez, superaram os gregos no período da renascença com o processo de escolarização, a ideia do indivíduo em crescimento e a noção de vergonha. Para o autor, “sem uma noção bem desenvolvida de vergonha a infância não pode existir” (p.23). Essa visão de infância é inteiramente moderna,

pois há uma necessidade de proteger as crianças dos segredos do mundo adulto, principalmente no que diz respeito à sexualidade².

No entanto, depois dos romanos, com a entrada na famigerada “Idade das Trevas”, a educação, a capacidade de ler e escrever e a vergonha desaparecem e em consequência disso, a possibilidade de infância também (POSTMAN, 1999).

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII (ARIÈS, 1981, p.65).

Na idade média, as crianças eram consideradas "pequenos adultos". Poucas eram as representações na arte medieval onde essas tenras idades eram diferentes das do adulto e, talvez, a única coisa que os distinguiam era o tamanho. As expressões, posturas, traços, a musculatura quando retratada na nudez e vestimentas eram as mesmas (ARIÈS, 1981). Segundo Postman (1999), já há indícios, na idade média, do início da vida adulta por volta dos sete anos de idade, pois é nesta idade que as crianças dominavam a palavra e assim compreenderiam e conheceriam os segredos da língua, o que seria suficiente para acessar o mundo do adulto. E nos dias de hoje? Poderíamos dizer que essa idade se reduz aos dois anos?³

A partir dos três ou quatro anos de idade, a criança já participaria do universo adulto, inclusive das orgias, enforcamentos públicos, exploração no trabalho, maus tratos, abandono dos cuidados primários, insalubridade, alta taxa de mortalidade infantil e todos os tipos de atrocidades possíveis, como a exploração sexual (DEL PRIORI, 2007; GUIMARÃES; CELES, 2007). Isto posto, é importante ressaltar que isso só acontecia pela condição de serem mais frágeis em sua constituição corporal⁴. Todas essas atrocidades e descartabilidade⁵, como dizia Ariès (1981), “desperdício necessário”, dessas crianças e adolescentes mudam quando a psicologia infantil se torna diferente da dos adultos e a infância, que, por si só, era valorizada pela sua essência inerente à sua condição biológica (POSTMAN, 1999).

Além disso, a família, nesta época, não exercia o mesmo papel que conhecemos hoje e que foi estabelecida na modernidade, pela burguesia. As crianças eram “criadas” por todos, pela comunidade e podem ser bem retratadas em uma obra de Pieter Bruegel chamada “Jogos Infantis” de 1560, o pintor renascentista miniaturiza adultos, retratando uma iconografia

² Cabe dizer que a sexualidade aqui referida seria a sexualidade genital - a do adulto e não a sexualidade como a psicanálise entende, como veremos mais adiante.

³ Ver o caso da mãe, Thamyres Nunes, mais adiante no capítulo 3.

⁴ Um grande exemplo é a história das naus portuguesas no período de colonização onde as crianças e adolescentes eram os mais afetados pelas suas condições de vulnerabilidade e fragilidade física (DEL PRIORI, 2007).

⁵ Visto que morreriam cedo, a sociedade explorava o máximo enquanto estavam vivos.

medieval⁶. Não muito diferente do que vemos nos dias de hoje, onde observamos crianças e adolescentes sendo guiados pela comunidade internauta.

Havia uma grande desumanização da vida infantil. Mas todas as evidências mostram que eles - as crianças e os adolescentes - eram tratados de forma diferente do adulto, dado ao seu corpo mais frágil e a imaturidade, sendo alvos de manipulação por parte dos adultos. Nas entrelinhas notamos que esses corpos infantis denunciavam as projeções – quiçá as perversões – dos adultos. As etapas do desenvolvimento não mudam, o que muda ao longo da história é como esse adulto enxerga essa criança e esse adolescente. O que se repete, na história, são as projeções sobre esses corpos. Do “adulto em miniatura” à “criança trans”, todos refletem o desejo e os anseios de um sujeito adulto.

Na época, diferentemente do que vimos em *Titanic*, as crianças não eram as primeiras a serem salvas, ao contrário,

“os miúdos dificilmente tinham prioridade de embarque no caso de naufrágio. Optava sempre por fazer subir no batel os membros da nobreza, oficiais da embarcação e tudo e todos que pudessem ser úteis à sobrevivência em terra, deixando as crianças entregues à sua própria sorte” (DEL PRIORI, 2007, p.41-42).

Ou seja, em condições já difíceis de sobrevivência dos adultos, era raro a criança ou adolescente que conseguia se adaptar às condições precárias e escapar de um destino trágico, e quando isso acontecia, não saíam ilesas, perdiam “sua inocência para nunca mais recuperá-la” (DEL PRIORI, 2007, p.49). Ora, elas eram crianças, só não eram vistas como tal. Portanto, falar numa construção social da infância ou da adolescência não significa falar da irrupção de um fenômeno novo. É dizer que somente em nosso contexto atual foi possível adjetivá-la. E estamos vivendo a ameaça da perda dessa infância no século XXI.

Diferentemente do mundo medieval, onde nem as crianças, nem os jovens e os velhos sabiam ler, a modernidade cria o “Homem Letrado”. Foi exatamente com as mudanças tecnológicas que a sociedade mudou progressivamente sua forma de organização. No século XVI, com a prensa tipográfica e a alfabetização socializada, surge uma nova definição do que vem a ser o adulto e conseqüentemente a infância. Pois, a sociedade começou a ser separada por classes diferentes de pessoas, a partir da competência de leitura, ou seja, as que sabiam ler e as que não sabiam ler. “A leitura é o flagelo da infância porque, em certo sentido, cria a idade adulta” (POSTMAN, 1999, p.28).

Com isso, a civilização europeia reinventou as escolas, uma vez que para se tornar adulto, a pessoa teria que aprender a ler e entrar no mundo da tipografia. Reconheceu-se que a

⁶ A adolescência é, na contemporaneidade, um ideal cultural como defende Contardo Calligaris.

infância existia e que o processo de aprendizagem era sequencial. As escolas eram destinadas a formar adultos instruídos, logo esses pequenos seres já não eram vistos como adultos em miniatura, mas adultos ainda não formados⁷. Essa mudança começou a afetar outros fatos sociais, como o vestuário infantil, manuais que eram criados de como educar esses pequenos seres e o papel da maternidade, surgimento de conhecimento pediátrico e a ascensão da burguesia que trouxe uma nova estrutura familiar que implicava na vida privada e a educação filhos sendo de responsabilidade agora dos pais e não mais da comunidade (ARIÈS 1981, POSTMAN, 1999; DEL PRIORI, 2007).

Somente a partir do século XVIII importantes transformações ocorreram: as crianças passaram a ser vistas como indivíduos com características específicas para sua etapa de desenvolvimento. Havia uma concepção mais humanitária da infância. Nessa época, inusitadamente, havia uma parceria entre o Estado e a família na educação, proteção e responsabilidade pelo bem-estar das crianças. Isso se deve, principalmente, aos pensadores da época e à igreja. O iluminismo, de acordo com Postman (1999), ajudou a nutrir e a divulgar a ideia de infância por influência lockiana ou protestante e rousseauniana ou romântica. A importância da religião nessa época chama a atenção,

Na visão protestante, a criança era uma pessoa amorfa que, por meio da alfabetização, da educação, da razão, do autocontrole e da vergonha podia tornar-se um adulto civilizado. Na visão romântica não é a criança amorfa mas o adulto deformado que constitui o problema. A criança possui como direito inato aptidões para a sinceridade, compreensão, curiosidade e espontaneidade que são amortecidas pela alfabetização, educação, razão, autocontrole e vergonha (POSTMAN, 1999, p.73-74).

O século XIX e o século XX são marcados por avanços significativos das ciências, e onde a psicanálise entra para marcar radicalmente a história da infância, principalmente em relação à sexualidade. Para Postman (1999), Sigmund Freud e John Dewey “representam uma síntese e um somatório da jornada da infância desde o século XVI até o século XX” (p.76). E tentam responder a uma pergunta levantada na época sobre como equilibrar as exigências da civilização com as da natureza infantil. Em resposta Freud

refuta Locke e confirma Rousseau: a mente não é uma tábula rasa; a mente da criança se aproxima de um “estado de natureza”; em certa medida, as exigências da natureza têm que ser levadas em conta ou daí resultarão permanentes disfunções da personalidade. Mas ao mesmo tempo Freud refuta Rousseau e confirma Locke: as primeiras interações entre a criança e os pais são decisivas para determinar o tipo de adulto que a criança será; mediante a razão, as paixões da mente podem ser controladas; a civilização é totalmente impossível sem repressão e sublimação (POSTMAN, 1999, p.77).

⁷ As crianças aqui eram vistas como pequenos bárbaros e um ser que ainda precisava ser civilizado.

E Dewey defende que é importante que “as necessidades psíquicas da criança devem ser atendidas em função do que a criança é, não do que a criança será” (POSTMAN, 1999, p.77). E somente assim era possível a criança se tornar um adulto civilizado. “Se nos identificarmos com os instintos e necessidade reais da infância [...] e [exigirmos] somente [sua] mais completa afirmação e seu crescimento ... a disciplina e a cultura da vida adulta deverão vir na época de vida” (DEWEY, 1899 *apud* POSTMAN, 1999, p.77).

Freud e Dewey cristalizaram o paradigma básico da infância que vinha se formando desde a invenção da prensa tipográfica: a criança como aluno ou aluna cujo ego e individualidade devem ser preservados por cuidados especiais, surja aptidão para o autocontrole, a satisfação adiada e o pensamento lógico devem ser ampliados, cujo conhecimento da vida deve estar sob o controle dos adultos. Ao mesmo tempo, contudo, a criança é entendida como detentora de suas próprias regras de desenvolvimento e de um encanto, curiosidade e exuberância que não devem ser sufocados - na verdade são sufocados - com risco de não alcançar a maturidade adulta (POSTMAN, 1999, p.77).

A partir do século XX, onde o conceito de criança ainda estava se estabelecendo e depois destes autores citados acima, não houve contestações em relação ao desenvolvimento humano: a infância e a adolescência eram uma categoria distinta daquela do adulto. Ainda segundo Postman (1999), o conceito foi ganhando forças na sociedade, inclusive e, principalmente, no mundo jurídico e nas políticas públicas, sendo a infância um direito inato de cada sujeito. Com os avanços nas ciências, não tardou para que a infância ganhasse uma categoria biológica, não um produto da cultura. Paradoxalmente, “a ambiência simbólica que deu vida à infância começou a ser desmontada vagarosa e imperceptivelmente” (p.81-82) devido à chegada de mais uma nova tecnologia: a mensagem elétrica - o telégrafo.

1.2 A sociedade pós-moderna e a dissolução da infância

Para Postman (1999), a velocidade das mensagens que o telégrafo proporcionou tornou impossível o controle e a seletividade das informações transmitidas e chegadas nos lares onde as crianças também teriam acesso. Essas mensagens, além de anônimas, são fragmentadas, descontínuas e irrelevantes. Para o autor, o telégrafo criou um público e um mercado na indústria da notícia. E por que o autor acredita ser um caminho contrário do que já havia sido conquistado? A infância existe em um ambiente onde os princípios da informação são controlados por um adulto responsável pela criança. Essas informações são transmitidas de forma sequencial para a criança conforme o seu processo de desenvolvimento e à medida que são assimiladas psicologicamente⁸.

⁸ Não como acontece atualmente em redes sociais, onde adultos mal intencionados se dizem educadores e tutores destas crianças e adolescentes desamparados. Exemplo disso é uma conta de uma no *Tiktok* -@fabulexmakeup- que em um vídeo intitulado “*I’ll be your online mom too!*” - “*Eu serei sua mãe online também!*”.

Mal sonhava Neil Postman com a internet e os meios de comunicação de massa que temos hoje⁹. O autor se refere principalmente à televisão responsável por esse tipo de transmissão de (des)informações. Quando o Postman (1999)¹⁰ se referiu ao anonimato, ele quis dizer sobre o filtro e hierarquias das informações. Hoje, com as redes sociais, isso se torna ainda mais perigoso. Ademais, ele já abordara a importância do mundo das imagens, onde o telespectador não lê e nem escuta a televisão, ele vê. Entre essas habilidades cognitivas, a apreensão imagética requer menos habilidade cognitiva, a leitura exige uma aprendizagem sequencial, e ouvir demanda um nível de assimilação mais complexo. O mundo das imagens não segrega seu público e também não exige criticidade e conhecimento para absorção dos conteúdos. Todos podem ter acesso e têm acesso às mesmas informações, adultos e crianças. Em outras palavras, não há segredos e sem segredos não há infância. Eram transmitidos conteúdos em programas de tv, na época, que revelavam sem censura os tabus do mundo. O que hoje piora em um nível mais radical, as crianças têm acesso a todo tipo de conteúdo, até mesmo conteúdo que são restritos para maiores de dezoito anos, como a pornografia, por exemplo. Uma sociedade sem tabus poderia gerar tanto possibilidades de maior liberdade e expressão quanto riscos de desorganização e desequilíbrio social. Voltaríamos a ter um funcionamento social muito semelhante à idade média. O princípio do prazer está no comando quando percebemos que não se pode mais aceitar o “Mal estar na civilização”, dentro do politicamente correto não há limites, somente uma sociedade em direção a psicotização.

As informações transmitidas de forma sequencial são primordiais, pois, a criança não possui o aparato psíquico, biológico e nem cognitivo para ter a mesma compreensão que um adulto. No próximo capítulo abordarei a questão do Enigma da Esfinge que Freud introduz sobre a fase na infância dos “por quês”. E essa fase é extremamente importante para deixar a livre criatividade e exploração. Em afirmação, Postman (1999) diz que a curiosidade é natural da criança e é saudável, mas a evolução dela depende da crescente consciência do poder de perguntas bem concatenadas para descobrir segredos. Ele também se preocupa com a intervenção livre desta curiosidade com o mundo, onde a criança, a partir de suas brincadeiras e fantasias, responde gradualmente as suas perguntas e fortalece o processo de simbolização. Com indignação o autor diz:

a curiosidade é substituída pelo cinismo, ou pior ainda, pela arrogância. Restam-nos, então, crianças que confiam, não na autoridade do adulto, mas em notícias vindas de

⁹ Temos ainda um agravante, pois as redes sociais funcionam através do algoritmo. O algoritmo entende que você curte ou passa mais tempo em um determinado conteúdo de seu interesse, então você fica imerso naquele mundo, daquele assunto. Além do mais, o algoritmo não limita idades.

¹⁰ A obra foi publicada em 1994 na língua de origem, e apenas traduzida para o português em 1999. O autor faleceu em 2003.

parte nenhuma. **Restam-nos crianças que recebem respostas a perguntas que nunca fizeram.** Em resumo não nos resta mais nenhuma criança (POSTMAN, 1999, p.104, grifo nosso).

É fundamental que o adulto responsável filtre e adapte certos conteúdos e assuntos para as crianças, conforme o seu desenvolvimento ou seja, que o adulto cuide da criança como alguém em formação. Evidentemente que não se trata aqui de negar ou omitir informações que naturalmente as crianças questionam em sua exploração pela busca de prazer. A sexualidade infantil, como será repetidamente lembrada aqui, não é como a do adulto - genitalizada e procriativa. O adulto costuma negar sua sexualidade infantil ou acreditar que é igual a de um adulto. Assim como o corpo está em desenvolvimento, o aparato psíquico e a identidade estão sendo construídos a partir desse corpo, de acordo com a psicanálise. O perigo com as redes sociais é que esses conteúdos não são filtrados e orientados por nenhuma teoria do desenvolvimento infantil. Além disso, do acesso de qualquer um a ela, inclusive e principalmente os mais perversos. Afinal, é a venda de conteúdo que importa.

As famílias no mundo contemporâneo também estão fragilizadas e ganham um novo paradigma de funcionamento. O nascimento do conceito de infância foi fortalecido a partir do surgimento da família burguesa, onde estes eram responsáveis pela educação e formação de seus filhos, assim como pode ser pensado a possibilidade do processo inverso, como que essas famílias funcionam hoje e impactam na formação de filhos, pois com

a crescente fragilização dos laços conjugais, a explosão urbana com todos os problemas decorrentes de viver em grandes cidades, a globalização cultural, a crise do ensino antes os avanços cibernéticos, tudo isso tem modificado, de forma radical, as relações entre pais e filhos e entre crianças e adultos (DEL PRIORI, 2007, p.9).

Postman (1999) já previa mudanças ainda mais extremas em seu livro *O desaparecimento da infância*. O autor defende em sua tese que as transformações sociais contemporâneas implicariam no desaparecimento da infância e ela pode ser pressentida pelos atentos. Do surgimento ao desaparecimento do conceito, ele estabelece uma relação entre tecnologia de comunicação, consciência, valores culturais e morais. Há várias evidências que comungam com a percepção de que a ideia de infância esteja desaparecendo no nosso mundo contemporâneo e elas serão explicitadas nos próximos capítulos.

Hoje, no século XXI, enfrentamos grandes problemas e ameaças ao conceito de infância: a relativização da pedofilia; a erotização da criança e do adolescente e as políticas identitárias de gênero. Sendo estas últimas uma porta de entrada aos dois primeiros problemas, exploração e abuso infantil, principalmente no que diz respeito à idade consensual.

Além de ser um ponto em que a comunidade de pedófilos valem-se do identitarismo para justificar suas perversões como sendo uma categoria *queer* e legítima por se tratar de uma

orientação e identidade sexual, como recentemente se denominam enquanto “MAP” – *Minor attracted Person* – Pessoas atraídas por menores.

A nova terminologia usada para substituir a palavra pedofilia ou pedófilo, os MAP(S) – *Minor-attracted Person(s)* – pessoas atraídas por menores -foi usado pela primeira vez, segundo a organização B4U-ACT¹¹, por uma jornalista chamada Heather Elizabeth Peterson, na época, em 1998, que usou o termo “*minor-attracted adults – MAAs*” e depois reapropriado em 2003 e modificado pelo grupo B4U-ACT em 2007, pois entendem que a atração por crianças ou adolescentes começara antes da vida adulta (B4U-ACT, 200-?). O co-fundador Michael Melsheimer era um assumido *boylover*¹²¹³ e MAP, e assim como a Prostasia Foundation, classifica a pedofilia como uma orientação sexual (assim como a homo/hetero/bissexualidade) e uma identidade social, inserida na comunidade LGBTQIANP+. Antes destas grandes instituições que promovem essa discussão sobre a desestigmatização dessa população, outras organizações de *boylovers* já existiam, como a “NAMBLA” - *The North American Man/Boy Love Association* formada em 1978, que claramente tenta naturalizar a relação entre o adulto homem e a criança menino (NAMBLA, 2011, n.p):

O objetivo da NAMBLA é acabar com a opressão extrema de homens e meninos em relacionamentos mutuamente consensuais:

- construir compreensão e apoio para tais relacionamentos;
- educar o público em geral sobre a natureza benevolente do amor homem/menino;
- cooperar com lésbicas, gays, feministas e outros movimentos de libertação;
- apoiar a libertação de pessoas de todas as idades do preconceito e da opressão sexual.

Exemplo deste fenômeno é a recente polêmica da casa de moda de grife Balenciaga que usou crianças para posar para sua mais nova campanha de publicidade onde essas crianças abraçavam ursinhos em acessórios de prática de BDSM¹⁴ e com semblante apático/melancólico. Além disso, com a colaboração da marca Adidas na campanha, adultos estavam cercados por vários elementos escondidos que fazem alusão e apologia à pedofilia e aos pedófilos. Mas após

¹¹ Organização não lucrativa estabelecida em 2003 que promove serviços e recursos para os indivíduos (adultos e adolescentes) que se auto identificam como “pessoas atraídas por crianças” que procuram uma assistência de saúde mental. Os membros são em sua maioria pessoas que se denominam assim. Mais informações sobre o grupo podem ser achadas em sua página institucional: <https://www.b4uact.org/about-us/history-2/>.

¹² “Um *boylover* é um indivíduo adulto que é fisicamente e emocionalmente atraído por meninos. O termo é semanticamente equivalente ao substantivo “pederast”, que se origina da combinação das palavras gregas *país* (“menino”) e *erastês* (“amante”; cf. *eros*). Na poesia homoerótica grega antiga, o substantivo *paiderastês* e o verbo *paiderastein* foram substituídos respectivamente por *paidophilês* e *paidophilein* (sinônimos dos quais deriva o termo moderno “pedofilia”), a fim de se adequar à métrica elegíaca preferida para o gênero.” (Tradução livre da página: <https://www.boywiki.org/en/Boylover>).

¹³ Além de ativista pró *boylovers* e co-fundador do B4u-act, era membro do fórum de conversas *BoyChat* e voluntário na *LifeLine*, uma plataforma de mensagens e chat que dão suporte à *boylovers* e *girllovers*. Para mais informações acessar a página: <https://archive.is/hCWqa#selection-251.40-251.58>

¹⁴ Prática sexual fetichista que envolve bondage, disciplina, dominação e submissão, sadomasoquismo.

duras críticas, inclusive pela Kim Kardashian que ameaçou considerar o desvinculo com a marca, Belenciaga fez um pedido de desculpa. Parece um acontecimento isolado e estranho, mas ao longo do estudo, será mais compreensível a associação da relativização da pedofilia com essas novas configurações identitárias e a possível naturalização de acontecimentos como este.

No mundo contemporâneo com os excessos de informações e imagens, assim como intervenções sobre o corpo, o processo de simbolização tem sofrido grandes impactos em sujeitos ainda em desenvolvimento. Como citado anteriormente do que Postman vai dizer sobre as respostas que as crianças já têm sem nunca terem perguntado por elas¹⁵. Há uma invasão sobre essas subjetividades causando assim um grande trauma e uma regressão para uma fase mais concreta.

Hoje, na clínica, é perceptível que muitos sujeitos parecem não ter alcançado a formação simbólica mais elaborada, tendo em vista que há uma certeza de que se houver uma mutilação física, e ainda, de seus órgãos genitais, os quais os identificam com seus pais, haverá uma nova vida para os sujeitos que buscam essa transição de gênero. O que faz pensar que com o avanço da tecnologia está havendo uma concretização de fantasias tão primitivas que permeiam a psicose. Intervenções mais concretas, como as intervenções corporais, têm sido uma saída e elaboração das angústias e do desamparo nos dias de hoje, tão estimuladas pela medicina moderna e pelo transativismo. Entenderemos melhor, no próximo capítulo, a importância da formação do ego integrado e o papel da família no processo de socialização. Sendo estas condições inerentes aos estágios de desenvolvimento na infância e na adolescência.

¹⁵ Informações relacionadas quaisquer assuntos. Não difere conteúdo de adulto e criança e não respeita a assimilação sequencial. Exemplo: sexualidade, identidade de gênero, etc.

2 MELANIE KLEIN E A FORMAÇÃO DO EGO ARCAICO

Melanie Klein é reconhecida como umas das mais importantes sucessoras de Sigmund Freud, principalmente no que diz respeito ao mal estar humano. Ela revoluciona ao trazer a lume nossa vida psíquica mais arcaica e os conflitos e traumas que continuam a influenciar a personalidade e sexualidade de uma pessoa ao longo de toda a sua vida. Sua teoria possibilitou a clínica da infância e da psicose¹⁶, o que antes não fora concebível. Ela trouxe, como ninguém, a ambivalência afetiva e o poder que nossas fantasias inconscientes exercem sobre nosso comportamento, o que confirma o que já dizia Freud, “não somos senhores da nossa própria casa”.

A clínica kleiniana ajuda o sujeito a atravessar suas angústias mais primevas, a lidar com as perdas e as frustrações, a reconhecer a alteridade e a exercer um papel importante na integração do Ego. Essa primeira grande angústia é o trauma do nascimento, onde o bebê se depara com um grande desamparo. Esse desamparo e essa angústia vão se organizando no encontro com o Outro, sendo este objeto primário é o seio da mãe. Compreender o ser humano em sua individualidade, permite-nos entender sobre seu comportamento em sociedade e como esta influência sobre sua subjetividade.

Klein (1946-1963/1991) desenvolveu a teoria das posições para explicar a formação do ego e o desenvolvimento psicosexual, são elas a **posição esquizo-paranóide** e a **posição depressiva**. Essas posições se alternam durante toda a vida do sujeito e têm mecanismos de defesa, relações de objeto e ansiedades características de cada uma dessas posições. Sendo assim, compreender essas diferenças em cada posição ajuda-nos a analisar como o sujeito age diante de um conflito que se apresenta em suas vidas, pois as defesas contra as ansiedades persecutórias coexistem com as defesas contra ansiedades depressivas (KLEIN, 1948/1991).

2.1 A posição esquizo-paranóide

Para Klein (1946/1991), na posição esquizo-paranóide o ego ainda é bastante imaturo e amplamente desorganizado, o que tende a se integrar à medida que a criança passa de uma posição para outra. Na vida pós-natal o bebê vivencia ansiedades provenientes de fontes internas e externas. A primeira fonte externa de ansiedade pode ser encontrada na experiência do nascimento, o trauma do nascimento. O nascimento, de acordo com Freud, fornece o padrão

¹⁶ Para Klein, assim como Freud, alguns sintomas como a alucinação não são exclusivos da estrutura da psicose, mas podem se manifestar na neurose e perversão. A contribuição de Klein em relação as ansiedades, mecanismos de defesa na posição esquizo-paranóide fazem parte do desenvolvimento normal e suas influências no ego, superego e suas relações de objeto (KLEIN, 1946).

para todas as situações de ansiedades posteriores e está fadado a influenciar as primeiras relações do bebê com o mundo externo. Diante do trauma do nascimento há a primeira projeção, que é a deflexão da pulsão de morte. E é essa ação interna da pulsão de morte que dá origem ao **medo de aniquilamento** e esta é a causa primária da **ansiedade persecutória**.

Esse medo de aniquilamento e a consequente ansiedade persecutória vai ser um ponto importante na adolescência, principalmente com adolescentes inseguros que buscam amparo e segurança nos grupos identitários. É um momento onde há uma regressão esquizo-paranóide, marcada pela retomada dos mecanismos de defesa mais primevos, como a cisão, a negação onipotente, a projeção, introjeção, a relação de objeto parcial (objeto ideal bom e objeto persecutório mau), assim como a identificação projetiva.

No início da nossa formação egóica, se os medos persecutórios forem muito intensos¹⁷, o bebê terá dificuldade de elaborar a posição esquizo-paranóide e que por sua vez, a elaboração da posição depressiva ficará impedida; ou poderão surgir defesas maníaco-depressivos e recalque na vida futura. Este fato, apesar de fazer parte do desenvolvimento normal, pode vir a ser um ponto de regressão ou fixação (KLEIN, 1946/1991).

Essa primeira posição se caracteriza pela incapacidade de o bebê se diferenciar da sua mãe. O bebê acredita ser uma extensão desse seio materno e não compreende o que é mundo interno e externo. Neste sentido, há uma predominância de um mecanismo de controle onipotente desses objetos – internos e externos – e uma idealização do seio materno. Vale ressaltar que **o corolário da idealização é a perseguição**. Nas palavras de Klein (1946/1991, p.26),

A idealização está ligada à cisão do objeto, pois os aspectos bons do seio são exagerados como uma salvaguarda contra o medo do seio perseguidor. Embora a idealização seja, assim, o corolário do medo persecutório, ela origina-se também do poder dos desejos pulsionais que aspiram a uma gratificação ilimitada e criam então a imagem de um seio inexaurível e sempre generoso — um seio ideal.

Sendo assim, para lidar com as ansiedades persecutórias o bebê cinde, mecanismo de defesa mais primitivo do ego. Klein (1946/1991, p. 28) diz que “os processos de excisão de partes do *self* e sua projeção para dentro dos objetos são, assim, de importância vital para o desenvolvimento normal, bem como para as relações de objeto anormais”. O mecanismo de cisão é uma tentativa do sujeito não se desintegrar¹⁸ e de natureza fantasiosa, mas que o sujeito sente como sendo real. Essa divisão egóica tem por objetivo projetar toda sua angústia de morte

¹⁷ Segundo Melanie Klein (1964), ansiedade dessa natureza, onde a perseguição interna e externa muito intensa, pode estar na base da paranoia.

¹⁸ Quando ocorre uma regressão a este estado arcaico, no adulto pode ocorrer uma despersonalização e de dissociação esquizofrênica.

para fora, para o mundo externo. Projeção e introjeção são outros mecanismos de defesa também muito presentes na posição esquizo-paranóide. Com a diminuição da projeção e o aumento da introjeção, o bebê vai assim atingindo a posição depressiva (KLEIN, 1946,1948/1991).

Vale ressaltar que não podemos desconsiderar o fator biológico que é a maturação do nosso sistema nervoso central e que todas as fases do desenvolvimento psíquico estão associadas a este amadurecimento, considerando características e funcionamentos comuns de cada fase, bem como as regressões e fixações para o período mais arcaico. Todo esse processo biopsicossocial não se dá de forma linear e é afetado por fatores complexos e multifatoriais, mas que nos permite compreender as subjetividades individuais e coletivas.

Essa relação de objeto – com o seio materno – na posição esquizo-paranóide que não reconhece a existência do Outro tem a ver com o que Freud (1905/2016) vai constatar sobre a criança ser polimorfa perversa. Isto é, essa relação com o seio materno vai além da amamentação - a nutrição - em si. O bebê, mesmo depois de saciar sua fome, continua buscando prazer nessa experiência com todo seu corpo erógeno, isto é, existem várias pulsões parciais como a oral, anal, olfativa, escópica etc. Ela é perversa por não reconhecer o outro como objeto separado de si, quer ter prazer, independente das consequências e que desde o início da sua vida diferentes partes do seu corpo apresentam uma sensibilidade. São uma série de pulsões que vão ter várias experiências de buscas e conhecimento e essas experiências pulsionais vão criando um circuito pulsional que lá na frente vai ser a sexualidade adulta (QUINODOZ, 2007; SÈDAT, 2011).

É neste sentido que a experiência com o objeto parcial primário é de vital importância para superar o trauma do nascimento e as ansiedades decorrentes dele. Essas ansiedades hostis e persecutórias são aliviadas pelo prazer da alimentação e com a presença materna. A experiência de gratificação – seio bom – irá equilibrar os impulsos libidinais agressivos, por outro lado, quando há privação – seio mau – esse equilíbrio é perturbado. O mundo interno do bebê forma-se a partir desses objetos internalizados em vários aspectos e situações emocionais (KLEIN, 1955/1991).

Na posição esquizo-paranóide, o objeto mau é mantido não só separado do bom, mas sua existência é negada. Não há como o objeto que frustra ser, ao mesmo tempo, o objeto que satisfaça. E a negação psíquica se dá através do sentimento de onipotência do bebê e essa negação onipotente é igual à aniquilação pelo impulso destrutivo (KLEIN, 1964). Entretanto, “o ego é incapaz de cindir o objeto, interno e externo, sem que ocorra uma cisão correspondente

dentro dele” (KLEIN, 1946/1991, p.25) pela dificuldade de diferenciar o que é interno e externo.

A necessidade vital de lidar com a ansiedade força o ego arcaico a desenvolver mecanismos e defesas fundamentais. O impulso destrutivo é parcialmente projetado para fora (deflexão da pulsão de morte) e, acreditado, prende-se ao primeiro objeto externo, o seio da mãe. Como Freud assinalou, a porção restante do impulso destrutivo é em alguma medida ligada pela libido no interior do organismo. No entanto, nenhum desses processos cumpre inteiramente o seu propósito e, assim, a ansiedade de ser destruído a partir de dentro permanece ativa. Parece-me conforme à falta de coesão que, sob a pressão dessa ameaça, o ego tende a despedaçar-se. Esse despedaçamento parece subjazer aos estados de desintegração nos esquizofrênicos (KLEIN, 1946/1991, p.24).

É importante compreendermos os mecanismos de introjeção e projeção, pois eles são a base para o processo de identificação, aqui onde se constituem as fantasias do sujeito. São mecanismos que o sujeito utiliza para construir seu mundo interno, sua personalidade e modelar a imagem da realidade externa, fazendo parte do desenvolvimento normal. Além disso, o superego tem raízes nos estágios iniciais do processo de introjeção, repletos de fantasias inconscientes (KLEIN, 1955/1991). É a maneira que o bebê tem de compreender o mundo externo: o teste da realidade interna e externa será feito em todo o decorrer da vida do sujeito.

O mecanismo de introjeção é o processo como os objetos são internalizados. No caso do bebê/mente primitiva, o seio bom e o seio mau. Se o objeto bom for bem estabelecido (gratificação, amor e felicidade oriundos do cuidado materno), o superego se beneficiará e como efeito terá “um extravasamento de libido e projeção de partes boas do *self* no mundo externo sem que surja uma sensação de esvaziamento” (KLEIN, 1955/1991, p.173). Todavia, se o objeto mau for predominantemente internalizado (perseguidor, destrutivo e odioso), ele se estabelecerá como “protótipo de todos os objetos internos maus, leva o ego a novas cisões e torna-se o representante interno da pulsão de morte” (KLEIN, 1955/1991, p.174). Em suma, a síntese da internalização dos objetos odiados e amados dá origem ao sentimento de luto e culpa na posição depressiva, vitais na vida emocional e intelectual do bebê e influenciam na escolha da neurose ou psicose (KLEIN, 1946/1991).

A projeção tem estreita relação com a introjeção. Quando o bebê é gratificado, os sentimentos amorosos são projetados para esse seio gratificador, e inversamente quando frustrado, os impulsos destrutivos são dirigidos ao seio frustrador. Os ataques ao corpo da mãe, em fantasia, são de ordem sádico oral, uretral e anal. Não são apenas as partes persecutórias que são projetadas, mas também as boas partes para dentro do corpo da mãe - nas fantasias.

Isso permite um bom desenvolvimento do sujeito, a integração¹⁹ do ego e suas relações objetivas futuras; no entanto, se esses impulsos forem empregados de forma excessiva, o bebê sentirá que suas partes boas são perdidas e aí onde ocorre a idealização da mãe, podendo assim enfraquecer e empobrecer o ego (KLEIN, 1946/1991).

Segundo Klein (1946/1991) a projeção tem sua origem nas identificações projetivas. A identificação projetiva acontece como uma combinação de partes excindidas do *self* e projeção dessas partes na mãe – no caso do bebê – e, mais tarde, estendem-se para o pai e para outras pessoas. Há uma relação com o objeto de forma agressiva, onde os impulsos do bebê visam danificar, tomar posse ou controlar esse seio perseguidor.

Nos distúrbios psicóticos, essa identificação de um objeto com as partes odiadas do *self* contribui para a intensidade do ódio dirigido contra outras pessoas. No que diz respeito ao ego, a excessiva excisão e a excessiva expulsão de partes suas para o mundo externo debilitam consideravelmente o ego. Isso porque o componente agressivo dos sentimentos e da personalidade está intimamente ligado na mente com poder, potência, força, conhecimento e muitas outras qualidades desejadas (KLEIN, 1946/1991, p.27).

Todos os processos anteriormente citados – isto é, os mecanismos de defesa, ansiedades e relação de objetos, inerentes ao nosso desenvolvimento psíquico inicial – são primordiais e definidores, na construção do nosso ego e superego, e uma preparação para a entrada do terceiro na relação: que fora, anteriormente, dual/simbiótica.

2.2 A posição depressiva e o complexo de Édipo precoce

Com o amadurecimento do bebê²⁰, na fase do desmame – início da posição depressiva – o ego começa a se integrar e o bebê já começa, aos poucos, a perceber a sua mãe como alteridade e aceitar a entrada de um terceiro nessa relação dual. Klein (1928/1996) vai chamar de situação triangular precoce, onde existe o Ego, a Mãe (Seio) e o Terceiro. Então, a partir do surgimento deste terceiro que começam as fantasias edípicas primitivas, pois o bebê imagina: “se este seio não está comigo, ele está com alguém”, gerando uma angústia de perda e de ausência. “Esse mesmo seio que odeio e dirijo minha agressividade, é também meu objeto de amor”, provocando assim sentimento de culpa e medo de perder o objeto amado.

No curso normal dos acontecimentos, nesse ponto do desenvolvimento —em geral entre os quatro e os cinco meses de idade — o ego se depara com a necessidade de reconhecer até certo ponto a realidade psíquica, além da realidade externa. Desse modo, ele se dá conta de que o objeto amado e o odiado são um só; também percebe

¹⁹ Em uma nota de rodapé da obra citada, Klein vai concordar com a visão de Winnicott quando se referiu ao processo de integração. Para ele, a adaptação à realidade depende essencialmente da experiência que o bebê tem do amor e do carinho da mãe, da “mãe suficientemente boa”.

²⁰ Concomitantemente o desenvolvimento cognitivo, fisiológico e maturação do sistema nervoso.

que as figuras imaginárias e os objetos reais, tanto externos quanto internos, estão ligados entre si (KLEIN, 1935/1996, p.326).

A entrada na posição depressiva, a qual o bebê percebe a mãe enquanto uma pessoa inteira e um ser completo, real e amado, é estimulada com a entrada do terceiro na relação (KLEIN, 1935/1996). Melanie Klein (1928/1996) acredita que existe um **Complexo de Édipo Precoce**, e quando ela propõe essa teoria, ela não está negando a teoria de Freud. O que ela vai dizer é que no período do desmame – por volta de seis meses – ocorre o que ela chama de ansiedades edípicas da posição depressiva infantil, e que o Complexo de Édipo em si permanece sendo por volta dos quatro a cinco anos como teoriza Freud. No entanto, essas ansiedades ainda são bastante arcaicas e confusas na cabeça do bebê, ora os objetos são parciais, ora são totais ao passo em que acontece a integração do Ego.

Para Freud, a instância formada pós-Édipo é o Superego, já, para Klein, ele – Superego - vai surgir antes do Complexo de Édipo. Para Klein, o superego arcaico – nesta fase bastante severo - é fruto das projeções e introjeções sádicas orais - o devorar - e sádicos uretrais/anais - a expulsão - já manifestadas na posição esquizo-paranóide. No entanto, já podemos concluir que o processo de identificação já acontece bem antes do que fora constatado por Freud (KLEIN, 1928/1996).

Klein (1937/1996) vai dizer que nesta posição sentimentos de ambivalência são predominantes e mais intensos que outrora, gerando assim uma culpa e uma tentativa de reparação no bebê, uma vez que ele não quer perder o objeto amado que ele apreende ter dependência dele. Ainda segundo a autora, as defesas contra essas ansiedades e culpa se dão de forma diferente nessa posição em comparação a fase mais agressiva e primitiva.

A ambivalência, estabelecida através de uma cisão das imagens, permite à criança pequena ter mais confiança nos seus objetos reais e, conseqüentemente, nos seus objetos internalizados também — desse modo, ela consegue amá-los com mais força e desenvolver cada vez mais as fantasias de restaurar o objeto amado. Ao mesmo tempo, as ansiedades e defesas paranóides se voltam contra os objetos “maus”. O apoio que o ego obtém do objeto “bom” real é ampliado por um mecanismo de fuga, que se alterna entre objetos bons externos e internos (KLEIN, 1937/1996, p.392-393).

Além desta ambivalência, no que diz respeito à triangularidade edípica citada anteriormente, o bebê, ainda imaturo, compreende que esta mãe e esta terceira figura estão fusionadas. E diante de sua fantasia que o seio contém tudo – tanto de bom, quanto de ruim – ele também vai portar no seu interior o pênis do pai – **seio=pênis** (KLEIN, 1945/1996). **Fantasia dos pais combinados.**

Sobre o que foi citado acima sobre o pênis do pai estar dentro da mãe, temos como exemplo um paciente da Klein, o Richard²¹, que retrata essas fantasias através de seus desenhos.

²¹ Primeiro caso (menino) em “Complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas” (1945/1996).

A fantasia de que a mãe continha o pênis “mau” do pai, tornando assim um lugar ameaçado e ameaçador, foi interpretado por Klein (1945/1996) como sendo seus medos e ansiedades transferidos ao mundo exterior e tem a ver com seus desejos edípicos reprimidos.

Vale ressaltar que os mecanismos de defesa da posição esquizo-paranóide continuam a exercer sobre o psiquismo do bebê com uma intensidade bem menor e de forma diferente devido à sua nova relação com objeto (KLEIN, 1935/1996). A cisão da figura materna em “seio bom” (gratificador e amado) e “seio mau” (frustrador e odiado) é uma forma de lidar com a ambivalência de que é um objeto só, o que possibilita essa transferência da agressividade para o objeto externo que representaria o “seio mau”. Reprimir os desejos edípicos implica em uma regressão parcial à primeira infância que está ligada a uma idealização da relação mãe-bebê (KLEIN, 1945/1996).

Neste momento é extremamente importante o amparo da mãe madura para que a criança não regrida para sua posição anterior, e assim consiga a integração egóica – percepção do objeto total, percepção de responsabilidade sobre seus atos e escolhas, obtendo assim o reconhecimento da realidade interna e externa – e consiga lidar com o princípio da realidade em detrimento do princípio do prazer, ou seja, que o bebê seja capaz de lidar com as frustrações, perdas e suas angústias (KOUZAK; REIMANN, 2022). É nesta interação e na capacidade de amar, aceitar e tolerar o Outro enquanto sujeito separado e diferente que está a **origem da formação simbólica**. Em contrapartida, “a incapacidade de manter a identificação com os objetos amados reais e internalizados pode levar a desordens psicóticas, como os estados depressivos, a mania ou a paranoia” (KLEIN, 1935/1996, p. 329).

Em síntese, a presença de fortes impulsos sádicos-orais, um excesso de culpa e ansiedade faz com que o sujeito tenha uma baixa capacidade do ego de tolerar frustrações de qualquer tipo, prejudicando o desenvolvimento emocional e libidinal, ou seja, há aqui um fracasso na reparação, podendo assim o sujeito regredir para a posição esquizo-paranóide. Em contrapartida, se o sujeito encarar o fato que seu objeto de amor é também seu objeto de ódio, não haverá necessidade de idealizar esse “seio bom” e nem aterrorizar o “seio mau”, isto é, sucesso na reparação, o sujeito consegue conquistar elaborar a posição anterior e conquistar a posição depressiva. Conquistar a posição depressiva é poder, predominantemente, usar a reparação como forma de superar e transformar seus impulsos destrutivos e sádicos, ao invés de defesas típicas da posição depressiva que são as defesas maníacas e obsessivas.

Quando o bebê não suporta a culpa por ter excessivamente odiado seu objeto de amor e dirigido impulsos destrutivos por tê-lo frustrado, causando inveja – expressão da pulsão de morte – e sofrimento, ele não consegue fazer a reparação. A inveja é um afeto primitivo que

busca possuir qualidades desejáveis de um objeto, é uma tentativa de usurpar tudo de bom do objeto e o destruir, não tendo assim o que invejar (KLEIN, 1957/1991).

Outra questão importante da contribuição da teoria de Klein é o primeiro objeto de inveja que difere da de Freud, para Klein (1928/1996) o primeiro objeto fálico²² que a gente tem uma relação não é o **Pênis**, mas sim o **Seio**. O Seio é nosso primeiro objeto de poder, de desejo e de cobiça. Porque, na fantasia do bebê, esta mãe carrega tudo que há de bom dentro dela, inclusive os bebês, e Klein (1928/1996) vai chamar atenção para esta atitude do bebê como sendo um complexo de feminilidade, isto é, a “inveja” do seio e da capacidade reprodutiva da mãe, que em suas palavras:

no complexo de feminilidade dos meninos há no fundo o desejo frustrado de possuir um órgão especial. As tendências de roubar e destruir estão ligadas aos órgãos de fecundação, gravidez e parto que o menino presume existirem na mãe, assim como à vagina e os seios, a fonte do leite, cobiçados como órgãos de receptividade e fartura desde o tempo em que a posição libidinal é puramente oral (p.219).

e essa inveja vai gerar tendências agressivas nos meninos em protesto contra o feminino, resultante do medo da castração, e

a tendência dos meninos de exibir uma agressividade excessiva, coisa que ocorre com muita frequência, tem sua origem no complexo de feminilidade. Ela é acompanhada por uma atitude de desprezo e de “saber melhor”, além de ser extremamente antissocial e sádica, sendo determinada em parte pela tentativa de ocultar a ansiedade e a ignorância que se encontram por trás dela (p.220).

Nas meninas estão presentes os impulsos sádicos-anais que visam roubar e destruir essa mãe. O temor ao seio faz com que a menina desista de se identificar com a mãe e passa então a se identificar com o pai. O complexo de Édipo estimula as pulsões epistemofílicas e assim a diferença sexual. A menina descobre que não possui um pênis e essa falta motiva ainda mais o ódio contra a mãe, e se culpando por isso, a menina pode vir a se punir (KLEIN, 1928/1996).

Por causa das tendências destrutivas que dirigiu contra o corpo da mãe (ou alguns de seus órgãos) e as crianças dentro do útero, a menina espera ser castigada com a destruição de sua própria capacidade de ter filhos, dos órgãos ligados a essa função ou de seus próprios bebês. Aqui também podemos encontrar uma explicação para a constante preocupação das mulheres (muitas vezes excessiva) com sua própria beleza, pois temem que esta também seja destruída pela mãe (KLEIN, 1928/1996, p.224).

Diante de todo exposto, é possível pensar a origem das identificações nas meninas e nos meninos e que estão diretamente ligados ao corpo e à marca da diferença sexual despertadas na fase do complexo de Édipo e que retornará de forma mais incisiva na puberdade. O quanto as intervenções sobre estes corpos púberes estão ligadas a um ego fragilizado, inseguro e desamparado. Tanto nas meninas, quanto nos meninos, a idealização desse seio materno pode voltar em forma de perseguição e uma tendência a destruir este corpo invejado e temido. Mas

²² Que Klein vai preferir de referir a “fase genital” ou “organização genital”.

como é sabido, destruir o outro, implica inevitavelmente uma autodestruição, usando-se de defesas mais arcaicas, pela impossibilidade de cindir o objeto sem que ocorra o correspondente internamente. Como é nos casos das automutilações tão presentes na adolescência do século XXI. A definição de “mutilação” aqui alcança a castração química e a mutilação dos seios saudáveis, expressão psicótica que recorre ao concreto: não se recorre à formação simbólica.

Podemos entender essas situações contemporâneas da crise de identidade de gênero tanto como um sintoma individual quanto como um sintoma social, sem deixar de considerar a complexidade das subjetividades individuais e realidades externas, tornando um problema multifatorial. Porém, a teoria de Melanie Klein nos traz uma nova perspectiva dessa relação primária e a forma com que o sujeito se relaciona com esse primeiro objeto de inveja e de que forma esse objeto simboliza uma ameaça à sua existência diante dessas fantasias arcaicas.

3 O PAPEL DO PRIMEIRO AMBIENTE SOCIAL NA FORMAÇÃO DO EGO

A partir do que foi trazido anteriormente, podemos concluir que a relação com esse objeto primário é fundamental na constituição e na integração do ego; e, por ser o primeiro ambiente social, será modelo para as outras/futuras relações sociais. O amparo e a segurança, desempenhados pela mãe, acolhem as ansiedades e os medos mais arcaicos do bebê. Quando há uma falha do ambiente, o ego poderá não se integrar completamente, e, quando adulto, tornar-se-á um sujeito inseguro, facilmente cooptado por movimentos com discursos perversos.

Para que haja um desenvolvimento emocional saudável e uma integração do ego, a qualidade da relação com o objeto primário, que é o seio da mãe, é primordial na constituição da subjetividade do sujeito. Winnicott teve grande contribuição na psicanálise ao atribuir grande importância do papel da mãe e sobre o bebê fantasiado antes mesmo do seu nascimento. Para Winnicott (1965/2011), a família tem um lugar bem definido durante o desenvolvimento da criança que trava contato com as forças que operam a sociedade e que a mãe apresentará o mundo ao seu bebê, o que poderá auxiliar - ou impedir - a tendência inata da criança ao crescimento.

Esses processos de internalização das figuras parentais e as designações parentais – **incluindo as fantasias dos pais** – tem grande importância na definição de uma identidade sexual. De acordo com Isaacs (1986), fantasias são conteúdos primários de processos mentais inconscientes – impulsos, sentimentos, defesas -, que são sobre corpos, e representam as ansiedades em relação aos objetos de escolha. Geralmente, as fantasias têm função de defesa contra ansiedades e função realização de desejos inconscientes.

Para Klein (1937/1996, p.348)

Como a mãe foi a primeira a satisfazer nossas necessidades de auto-preservação e nossos desejos sensuais, além de nos dar segurança, ela desempenha um papel duradouro na nossa mente, apesar de as várias maneiras como se dá essa influência e as formas que ela toma nem sempre ficarem claras mais tarde. [...] O papel essencial que o pai desempenha na vida emocional da criança também influencia todas as suas relações amorosas posteriores, assim como toda a sua ligação com outras pessoas. No entanto, a relação do bebê com o pai, na medida em que este é percebido como uma figura gratificante, amistosa e protetora, é modelada em parte sobre a relação com a mãe

O papel dos pais, principalmente da mãe, é dar uma base ao ego do bebê para tolerar as ansiedades e superar as frustrações. É possibilitar passar da posição esquizo-paranóide para a posição depressiva e, posteriormente, superar esta última posição: a criança ser capaz de lidar com as perdas e elaborar sua capacidade criativa – formação simbólica. Como é no caso da função das brincadeiras no processo de simbolização na infância que Freud vai exemplificar em sua obra “Além do princípio do prazer” a experiência do *fort-da*. Ou seja, o bebê ao lidar

com a ausência e a separação do objeto amado através do simbolismo. Ao contrário do que acontece com a equação simbólica, presente na posição esquizo-paranóide, onde o bebê não tolera essa separação e o símbolo substituto é sentido como sendo o próprio objeto original e que faz parte de um pensamento concreto muito presente nas patologias da identificação projetiva e é usado para negar a ausência do objeto ideal (SEGAL, 1967; KOUZAK; REIMANN, 2022). Isso quer dizer que o ego não consegue fazer um bom uso do objeto internalizado, não consegue manter vivo o objeto dentro de si apesar da separação. Não existe o pensamento metafórico, o “como se”.

Vale pontuar que esses pais também devem ser pais seguros e maduros para que todo o processo anteriormente citado aconteça. Winnicott é um autor que se dedicou e observou a relação mãe-bebê na constituição da subjetividade e construção da personalidade do sujeito, colocando como central em sua teoria. Winnicott (1956/2000) introduz o conceito de ambiente suficientemente bom, que é o mesmo que mãe suficientemente boa – ambiente como função materna. Este ambiente é que vai possibilitar o bebê alcançar as satisfações, ansiedades e conflitos inerentes a sua condição de existência e desenvolvimento e que deve falhar o mínimo possível. A integração do ego que se dá a partir do cuidado fornecido por ela, o *Holding e o Handling*. Caso haja uma falha neste cuidado, o bebê corre o risco de não se integrar. Esses cuidados também podem ser fornecidos pelo analista, como forma de manejo clínico (WINNICOTT, 1945/2000).

O autor vai discorrer sobre a fase pré-genital em que a mãe e o bebê estão em um relacionamento simbiótico, o qual ele prefere chamar de equilíbrio homeostático, que consiste em uma fase de uma grande identificação que a mãe tem com seu bebê que se manifesta de forma consciente, mas também profundamente inconsciente (WINNICOTT, 1956/2000). Ao mesmo tempo ele faz uma reflexão sobre a identificação da mãe com o bebê e um movimento de dependência do bebê em relação a mãe, o que não implica em uma identificação, sendo um fenômeno complexo demais para bebê nas fases iniciais de sua vida, pois envolve o processo de cisão e introjeção – conceitos preconizados por Melanie Klein.

Segundo Winnicott (1956/2000), a fase que ele chama de “preocupação materno-primária” – que é um estado psicológico – inicia-se no final na gestação e continua no período puerpério. Este estado poderia ser “comparado a um estado de retraimento ou de dissociação, ou a uma fuga, ou mesmo a um distúrbio num nível mais profundo como por exemplo um episódio esquizoide, onde um determinado aspecto da personalidade toma o poder temporariamente” (p.400). O autor vai dizer que é um estado que nem toda mãe é capaz de desenvolver, mesmo que temporariamente. Ele vai comparar com uma “doença” da qual a mãe

tem que recuperar, e isto só acontece com mulheres que gozam de uma boa saúde mental. Caso a mãe não goze de uma boa saúde, ela permanecerá uma relação simbiótica com seu filho, prejudicando assim o processo do desenvolvimento normal, visto que ela relação deve ser temporária.

Aqui, podemos voltar para a questão da identificação da mãe com seu bebê. Para Tavares (2016), a gravidez e o puerpério da mulher estabelecem uma reorganização da sua identidade. A maternidade, antes de tudo, é um período delicado e, como afirmado anteriormente, é necessário que essa mãe esteja saudável, pois é uma fase em que a mulher se confronta com suas próprias questões narcísicas e edípicas - durante a gestação e após o nascimento do bebê - (TAVARES, 2016).

Nesse processo de tornar-se mãe, que encerra em si mais do que apenas o período gestacional e o parto, figuram fatores de grande importância no futuro relacionamento a ser estabelecido entre a mulher e seu bebê. Entre eles encontra-se a representação de um bebê imaginário, que durante o período da gravidez constituirá a forma primordial de contato da mãe com seu bebê ainda desconhecido (TAVARES, 2016, p.69).

Ou seja, o sujeito já existe antes mesmo de ele nascer: a partir das fantasias dos pais, principalmente da mãe. O bebê imaginário é um objeto que se constitui a partir dos desejos inconscientes dessas figuras parentais e também, de uma certa forma, da sociedade. O sujeito já nasce com um “tsunami de expectativas e projeções dos outros” sobre sua vida e identidade, já criada para ele.

Outro aspecto que pode ser associado a essa noção de identificação com as figuras parentais pode ser o conceito de mito familiar. Através deste, alguns autores psicanalíticos situam o lugar ocupado pela personagem do bebê na fantasia fundamental dos pais a partir do discurso a ele dirigido. Tal discurso é anterior ao próprio bebê e determinante na constituição subjetiva do mesmo (TAVARES, 2016, p.71).

Vale ressaltar que a construção da representação desse bebê imaginário, se utilizando do próprio narcisismo, é um processo importante para que a mãe consiga investir sua libido nesse bebê imaginário antes de entrar em contato com o bebê real, facilitando assim o vínculo mãe-bebê. Além disso, a história da mãe influencia na representação do bebê imaginário que inclui características físicas e psíquicas da criança, bem como as expectativas em relação a personalidade, temperamento, o futuro desse sujeito, entre outras questões (TAVARES, 2016). Isto é, suas projeções sobre a criança. De acordo com Tavares (2016, p.77) “o recém-nascido traz consigo uma importante tarefa [...]: o conflito entre o filho idealizado, aquele da imaginação, e o bebê real”, colocando assim a mãe diante das suas questões relações a castração e as resoluções dadas por ela durante sua vida.

A mãe pautará suas interpretações em relação aos sinais e necessidades enunciados pelo seu bebê real através das suas fantasias relativas ao bebê imaginário. No entanto, deve-se tomar muita precaução nesse momento, pois deve-se deixar a manifestação do bebê real enquanto sujeito dotado de desejos próprios e diferente da mãe. Caso contrário, poderão surgir psicopatologias graves como as psicoses infantis (FERRARI; PICCININI; LOPES, 2007 *apud* TAVARES, 2016).

Percebe-se o papel primordial da família sobre o desenvolvimento individual e subjetivo de cada sujeito, considerando a particularidade de cada história. Sabemos o quanto o amparo e a segurança cedidos neste primeiro momento da vida arcaica favorece a integração do ego e forma sujeitos confiantes em si, sem idealizar o seio bom - e nem aterrorizar o seio mau. Em contrapartida, quando o ambiente falha, o ego não se fortalece e se formam sujeitos inseguros, que irão buscar amparo, segurança e pertencimento nos grupos identitários: comportamento facilitado pela ferida narcísica na adolescência. Ora, é claro que, principalmente na adolescência, a busca pelos pares é um comportamento importante para o processo de socialização; no entanto, esses grupos identitários – que não necessariamente são compostos apenas por adolescentes e sim por adultos – tem por objetivo cooptar adolescentes mais inseguros para atender aos próprios interesses e não visam ou consideram a identidade individual de cada sujeito.

4 O DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL EM FREUD

Não há como falar sobre sexualidade infantil ou sobre o desenvolvimento psicosssexual sem antes fazer menção aos “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)*”, onde Freud foi revolucionário, polêmico e quebra um paradigma da época trazendo uma discussão e um estudo sobre a sexualidade infantil - do recém-nascido ao início da puberdade e sobre as perversões sem fazer juízo de valor.

De acordo com a sua teoria, a sexualidade infantil é composta por uma série de estágios evolutivos que ocorrem durante a infância e que são necessários para o desenvolvimento saudável da personalidade adulta. Esses estágios incluem o estágio oral, o anal, o fálico, o de latência e por fim o genital. Cada estágio é caracterizado por diferentes interesses e comportamentos sexuais, e o sucesso ou falha em superar cada estágio pode ter implicações para a personalidade e a vida sexual futura de uma pessoa. A sexualidade adulta, para Freud, é vista como uma continuação da sexualidade infantil e enfatiza a importância da resolução dos conflitos e traumas do passado para uma vida sexual saudável e satisfatória na vida adulta.

Para a psicanálise, a sexualidade infantil é um conjunto de processos de transformações psíquicas e corporais que se desenvolvem desde o nascimento até a adolescência que desempenha um papel organizador da realidade externa (QUINODOZ, 2007). E se elas forem interrompidas²³ em qualquer uma das fases de desenvolvimento psicosssexual, o sujeito poderá ter implicações, psíquicas e físicas, negativas e irreversíveis, ao contrário do que é defendido pelo transativismo aliado ao discurso médico e que oferece uma “solução” das angústias através das intervenções corporais cada vez mais precocemente.

No primeiro ensaio Freud (1905/2016) analisa as perversões ditas por alguns médicos psicopatologistas da época - Krafft-Ebing e Havelock Ellis - como uma degenerescência ou tara constitutiva e coloca como sintomas de origem na sexualidade infantil (QUINODOZ, 2007). Freud (1905/2016) descarta a noção de instinto, isto é, uma ideia de naturalidade ou do que é inato e introduz o conceito de **pulsão**. Eis que o Freud rompe com o paradigma de sua época, apesar de não desconsiderar o instinto/biologia como parte também da nossa constituição. Ele julga a sexualidade humana nada natural, diga-se de passagem, não se nasce humano, torna-se.²⁴ Apesar de que nesse trabalho falará sobre a importância do fator biológico no desenvolvimento da mente, já que a mesma vem de um corpo.

²³ Interrompidas no sentido de sofrer traumas ou intervenções externas não apropriadas e adequadas para o nível de maturidade de cada fase do desenvolvimento.

²⁴ Troca dilho em referência à famosa frase “não se nasce mulher, torna-se” de Simone de Beauvoir.

A pulsão tem objetos e/ou metas sexuais extremamente variáveis, é sempre algo que o sujeito encontra e desencontra em sua busca no alívio dessas tensões. Nas observações de Freud (1905/2016) há numerosos desvios no tocante ao objeto sexual (atração) e a meta sexual (ação), a relação entre eles e a norma suposta. Ou seja, não existem objetos naturais e específicos predeterminados na sexualidade humana, como é no caso do instinto.

Freud (1905/2016 *apud* SÈDAT, 2011) introduz outras formas de pulsão: a de domínio, que assume uma crueldade frente à sexualidade, que é o “destruir o outro e se apossar de seus objetos”, isto pela incapacidade de alteridade e por falta de identificação com o outro. Esse processo de incorporação do objeto, que é o primeiro passo do desenvolvimento da identidade, que Freud (1905/2016) nos chama atenção, na qual “a meta sexual consiste na incorporação do objeto, no modelo daquilo que depois terá, como *identificação*, um papel psíquico relevante” (p.108, grifo do autor).

E a pulsão de saber, derivada da “pulsão de domínio que quebra o mundo para conhecê-lo, e ele trabalha com o prazer da visão, ele próprio derivado do tato, como outro modo de conhecer da criança, à distância, sem contato do tato” (p.63). Ponto teórico essencial para compreendermos o modo como a criança explora o mundo, pois ela é uma investigadora nata, iniciando por uma grande fonte de saberes que é seu próprio corpo, onde se origina a natureza e a função das fantasias do sujeito. É também um processo de construção da representação de si mesma. Essas investigações visam responder ao enigma da esfinge: de onde vêm as crianças? Para responder a essa pergunta, a criança vai criar várias teorias a partir do seu próprio corpo. “A existência de dois sexos é algo que a criança apreende sem maior oposição ou reflexão” (FREUD, 1905/2016, p.104). Crianças de ambos os sexos supõem que todas as pessoas têm um pênis.

Para Freud fica muito claro que independente das diferenças anatômicas – elas são existentes e são binárias – todos temos o mesmo potencial e o que atrapalha isso é a fantasia. É a suposição de uma inferioridade. Um corpo não é só um corpo, as fantasias o acompanham. A psiquê se constitui a partir dessas diferenças anatômicas. Não há feminilidade ou masculinidade sem o corpo. Quando Freud vai dizer que a anatomia é destino, ele quer dizer que é a partir deste corpo sexuado, marcado pelas diferenças dos sexos, que vai ser veículo e parâmetro para as identificações psicosexuais.

4.1 A teoria sexual infantil e a questão da transexualidade

E qual é a grande contribuição da teoria da pulsão para o que este trabalho se propõe discutir? Se estamos falando que nenhuma manifestação do comportamento humano é natural e ela se dá em um conjunto de variáveis biopsicossociais, não tem sentido a psicanálise compactuar com o discurso médico de que se nasce trans, como o caso do Alexandre Saadeh, médico muito conhecido que trabalha com a transexualidade há mais de vinte anos aqui no Brasil. Em 2004 ele já defendia que a transexualidade teria um componente biológico, mas na época concluiu que não haviam achados suficientes e definitivos que pudessem confirmar sua hipótese (SAADEH, 2004). Mais recentemente, em 2017, em uma entrevista dada ao programa do Fantástico da TV Globo o Saadeh confirma definitivamente sua hipótese anterior:

Renata Ceribelli: *Como a ciência explica a origem do transgênero?*

Sadeeh: *No embrião humano a genitália se forma por volta da décima semana, enquanto isso o cérebro está em desenvolvimento, mas por volta da vigésima semana já define a área que dá a identidade de gênero que a gente chama. Ou seja, genitália masculina com cérebro masculino, genitália feminina com cérebro feminino. Ou ao contrário, a genitália masculina, mas o cérebro se estruturou como feminino ou a genitália feminina e o cérebro se estruturou como masculino.*

Renata Ceribelli: *e aí a gente tem um caso que uma criança vai nascer transgênero?*

Sadeeh: *Sim! E isso vai se manifestar por volta dos 2 ou 3 anos de idade que é quando a criança tem uma maturidade neurológica para dizer se é menino ou menina.*

Renata Ceribelli: *Então podemos dizer que um transgênero já nasce assim?*

Sadeeh: *Nasce, não é escolha, não é influência do meio. Porque se fosse influência do meio, não existiria transgênero (SAADEH, 2017).*

Esse discurso de uma ideia de naturalidade na transexualidade cria uma urgência de uma intervenção sobre o corpo de crianças, antes de se depararem com mudanças fisiológicas que marcam as diferenças dos sexos, com intuito de aliviar as angústias decorrentes do limite dos nossos corpos – a castração. Mas o que garante que as intervenções cirúrgicas aliviarão essas angústias?

Geralmente o processo transsexualizador implica em intervenções fármaco-cirúrgicas, **em sua maioria irreversíveis**, como as hormonioterapias, mastectomia dos dois seios, implante de próteses, cirurgia de feminização facial (podendo implicar em mais de 10 procedimentos de alterações na estrutura óssea, entre outros) e a cirurgia de transgenitalização (JORGE; TRAVASSOS, 2018). E quando se trata de uma intervenção sobre corpos infanto-juvenis, a atenção e avaliação deve ser redobrada, sobretudo pelo fato destes corpos ainda estarem em desenvolvimento. É necessário questionar uma agenda que está por trás do neoliberalismo, onde a felicidade se compra na aquisição de uma intervenção sobre o corpo. Como salienta Cromberg (2010, p.32), “nada mais explícito da perversão da lei de mercado que transforma tudo, liquidifica e liquefaz todos os valores em mercadorias a serem consumidas”.

Atualmente, no Brasil, crianças ao entrarem na puberdade – geralmente entre 9 e 14 anos em meninos e entre 8 e 13 anos em meninas – já podem ter acesso a bloqueadores hormonais, que são inibidores da puberdade, fazendo com que características sexuais secundárias típicas de cada sexo não se desenvolvam. Em 2020, o Conselho Federal de Medicina, reduziu a idade mínima para a terapia hormonal e a intervenção cirúrgica de transição de gênero. A terapia hormonal passou a ser permitido para adolescentes de 16 anos e a cirurgia de redesignação dos órgãos genitais para pessoas com 18 anos (BRASIL, 2020).

Normalmente, esses bloqueadores são defendidos pelo “movimento trans” sob a alegação de trazerem alívio para o sofrimento de pessoas transidentificadas: para que o adolescente continue com um corpo infantil para ganhar tempo e amadurecer sua identidade sexual e diminuir as taxas de suicídios entre adolescentes com “disforia de gênero”. Argumenta-se que este tratamento é completamente reversível, isto é, a produção de hormônio retorna com a suspensão da medicação. No entanto, pouco se fala sobre os efeitos colaterais durante o tratamento e sobre a falta estudos longitudinais a respeito dos efeitos a longo prazo ; No entanto, estudos já desenvolvidos indicam a facilitação de “doenças cardíacas, hipertensão arterial, trombose, acidentes vasculares, diabetes e câncer” (JORGE; TRAVASSOS, 2018, p.114). Por exemplo, um dos efeitos colaterais, de acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria, é, “apesar de reversível, o uso de análogos de GnRH pode trazer prejuízos na manutenção da fertilidade pela dificuldade de produção de óvulos”, ou seja, efeito permanente (SBP, 2020, p.9).

Esse fenômeno faz alusão ao que foi dito por Ariès (1981) sobre a descartabilidade e a negligência da sociedade em relação aos corpos infantis, o qual ele vai nomear de “desperdício necessário”, pois crianças e adolescentes estão sendo submetidos a um experimento social sem saber das consequências futuras. Não seria a volta da descartabilidade e desumanização da infância, como fora na idade média e parte do período moderno?

Apesar da drástica diminuição de idade - que se pode entender como de “consentimento” - há uma tentativa e reivindicações para que essas intervenções possam ser ainda mais cedo. Um exemplo disso é a entrevista com a Letícia Carolina Nascimento, travesti, autora do livro transfeminismo, defende essa diminuição:

Sobre a hormonização, desde a infância precisamos conduzir um debate a partir do conhecimento médico científico, mas sem um viés moralizante, é fundamental que **estudos experimentais** sejam desenvolvidos de maneira ética. Para tanto, as ciências da saúde precisam ouvir os anseios das pessoas transvestigêneres, tanto das crianças do agora, como das crianças do passado. As crianças que não tiveram a oportunidade de experimentar seus gêneros de outros modos, hoje, como adultas, se erguem para reivindicar os direitos das crianças e adolescentes transvestigêneres. Em uma primeira análise parece-me razoável que crianças comecem utilizando bloqueadores hormonais

que suprimem temporariamente e de maneira reversível características corporais secundárias associadas ao sexo cromossômico, tais como o aparecimento da barba. **Todavia, se esta for uma criança que se percebe transvestigênera desde os 5 anos de idade e já adota a identidade de gênero que se sente confortável, por quais motivos ela não poderia na adolescência passar gradativamente a tomar hormônios?** [...] a família, a equipe médica multiprofissional precisa ter sensibilidade para **ouvir os apelos e estabelecer o momento de iniciar a hormonização.** [...] Atualmente o **protocolo experimental** do Conselho Federal de Medicina institui a idade de 16 anos, **se consideramos o exemplo anterior, da criança de 5 anos, serão 11 longos anos de espera.** Nós estamos todos cansados de esperar! [...] Do que nós estamos protegendo essas crianças e adolescentes quando impedimos seus sonhos? (NANTES, 2021, p.30-31, grifo nosso).

É preciso ficarmos atentos a essas apelações. Não há mudanças sociais sem reivindicações, e já existem casos em outros países onde o tratamento hormonal se inicia antes dos 16 anos, sem que haja um acompanhamento a longo do prazo. O movimento de “afirmação” de gênero, apesar da “boa” intenção de ajudar crianças, acaba provocando problemas muito maiores que, na maioria das vezes, são resolvidas – questões emocionais comuns na adolescência – após o período da puberdade (JORGE; TRAVASSOS, 2018). O querer prevenir um sofrimento psíquico alterando de forma violenta e até mutilando um corpo biológico causa traumas muito intensos em algumas pessoas, como no caso das pessoas “destrans”²⁵.

Segundo Freud (1905/2016 *apud* QUINODOZ, 2007, p.74) a manifestação das pulsões sexuais na infância “se chocam com obstáculos externos, como a educação, que é um fato de civilização, e com objetos internos, como repulsa, o pudor e a moral, sendo que estes últimos constituem a expressão da repressão”. Sendo assim, é compreensível que se defenda até hoje que nossas escolhas objetivas sejam de caráter natural - inato - e não uma escolha em si, ainda que inconsciente, pois vivemos em uma sociedade homofóbica e admitir ser uma escolha abre portas para práticas como as “terapias de conversão”. Freud (1905/2016, p.26) já reconhecia isso em sua época:

sustentou-se o caráter inato apenas da primeira e mais radical categoria de invertidos, e isso com base nas asseverações, feitas por eles próprios, de que em nenhum momento da vida e seu instinto sexual demonstrou outra tendência.

Nos dias de hoje ainda se repete, como na época de Freud, de que se nasce em um corpo errado e diz ter um “cérebro de mulher em corpo de homem” ou “criança viada”, entre outras expressões que sugerem uma ideia inata da escolha de objeto ou da homossexualidade/transsexualidade desde a infância. Mas Freud (1905/2016, p.31) já argumentara na época que “não conhecemos as características e um “cérebro de mulher”. Substituir o problema psicológico pelo anatômico é desnecessário e injustificado”. Além disso, com o processo do Édipo e a entrada da instância moral o superego - essa lembrança não pode

²⁵ Pessoas que se arrependem da transição de gênero e resolvem fazer o processo inverso – a destransição.

ser retida, o sujeito reprime, ou seja, as pessoas não se lembram de como foi a infância de fato, mas como elas fantasiam e gostariam de ter sido (QUINODOZ, 2007; SÉDAT, 2011), é o que ele vai denominar de amnésia infantil.

É importante ressaltar que o fato de ser uma escolha – inconsciente – não deslegitima o desejo e a identificação do sujeito, mas ajuda a compreender a diversidade da expressão da sexualidade humana. Isto é, a psicanálise não nega a existência da transexualidade, mas recusa toda teoria biológica instintual dessa forma de expressão da sexualidade. Além disso, a psicanálise, ao afirmar que existe sexualidade na infância, não quer dizer que as crianças visam o coito genital. Tatiana Lionço no IX Seminário LGBT: Sexualidade, Papéis de Gênero e Educação na Infância e Adolescência em 2012, explica sobre essa questão e fala sobre as projeções do adulto sobre os corpos infantis:

Não há como derivar da brincadeira infantil e do faz-de-conta e da curiosidade em relação aos corpos próprio e dos outros, desdobramentos lineares sobre destinos de subjetivação homossexuais, travestis e transsexuais. É o olhar adulto que qualifica essas brincadeiras como práticas homossexuais ou como revelação de travestismos e transexualismo do ponto de vista médico. As crianças estão apenas buscando a conhecer a si próprias e aos seus coetâneos. [...] É a relutância em aceitar essa sexualidade infantil como potencial criativo que faz com que o adulto projete, tão simplesmente, nessa brincadeira a ideia de uma homossexualidade. [...] Trate-se de pobreza simbólica por parte do adulto. O adulto que não sabe brincar com as representações.

Ora, vivemos em uma sociedade na qual os sujeitos, em geral, não têm alcançado a formação simbólica mais elaborada. Não só os adolescentes que recorrem ao concreto, como a mutilação física, mas pais e adultos também embarcam nas intervenções esquizo-paranóides.

Voltando para o que Freud responde sobre as escolhas objetais - homossexual ou heterossexual - ele recorre à teoria da **bissexualidade**, que é uma predisposição universal. De acordo com Quinodoz (2007), Freud parte da ideia da bissexualidade biológica revelada por Fliess e contrapõe com a ideia da bissexualidade psíquica, isto é, **todos os sujeitos tem tendências masculinas ou femininas que coexistem desde a infância**. Importante ressaltar que quando Freud se refere ao feminino e masculino, nada tem a ver com os estereótipos de gênero, mas como que a criança vai lidar frente a castração. Guimarães e Celes (2007) vão dizer que além das escolhas objetais, a teoria da bissexualidade não só determinará acerca das suas primeiras identificações e investimentos libidinais do id nas figuras parentais, mas a formação reativa contra essas escolhas, isto é, o que o ego **deve ser** o que o **não deve ser**. “A atitude ambivalente presente nas identificações indica a importância da bissexualidade nos destinos do complexo de Édipo” (GUIMARÃES; CELES, 2007, p.344) e essas identificações com as figuras primárias – mãe e pai – são constitutivas do superego.

Essa teoria da bissexualidade comunga com a teoria hermafrodita, que é uma fantasia de plenitude, uma tentativa de a criança lidar com a angústia da própria castração, imposta pela nossa condição sexuada. Ou seja, o limite do nosso corpo e o limite da condição humana de incompletude. A tentativa social atual de eliminar essas diferenças é um sintoma social esquizofrênica e perversa – ora nega, ora denega a alteridade.

De acordo com Jorge e Travassos (2018), hoje, no Brasil, o assunto sobre transexualidade vem crescendo cada vez mais nos meios de comunicação de massa e tem sido objeto de interrogação e preocupação a possibilidade da transexualidade infantil pelos pais e pelos especialistas. Mas, como dito anteriormente, a suposta transexualidade ou homossexualidade na infância é uma fantasia por parte dos pais e da sociedade frente a comportamentos que eles enxergam como algum problema ou inadequação do desenvolvimento infantil; normalmente, o “desvio” se enquadra nos estereótipos de gênero, o que acaba por reprimir alguns desejos e comportamentos dessas crianças, impactando negativamente no potencial criativo e fantasia da criança. Os pais, primeiros objetos de amor, normalmente servem como modelo para as identificações e padrões sociais, como no exemplo de vestimentas.

A título de exemplo do que foi explicitado no capítulo sobre o papel da família na formação do ego temos um caso conhecido de uma mãe de uma “criança trans”²⁶ – Thamyres Nunes – *influencer* na causa “criança trans” e autora de um livro “*Minha Criança Trans?: Relato de uma mãe ao descobrir que o amor não tem gênero*”, que deu várias entrevistas em programas de tv, no seu próprio *Instagram* e em seu livro que relata sobre o momento que seu filho manifestou um desconforto com sua identidade de gênero.

São relatos que demonstram grandes expectativas da mãe em ter um filho homem, esse bebê imaginário: “*se Deus é justo, me dará um filho homem; não tenho a menor condição de criar uma menina*”; relutância e repressão do comportamento dito feminino: “*como poderia eu criar uma menina, pura, doce e inocente [...] pediu para que eu o maquiasse. Fiquei extremamente incomodada com essa solicitação*”; uma maternidade bastante simbiótica e fusional: “*Desde os primeiros meses de vida do meu pequeno bebê, decidi não ter mais filhos [...] gostava de saber que sempre seria só dele e que tudo que eu poderia dar seria dele e para ele, sem divisões [...] 100% do meu tempo era ser mãe*”; relato de insegurança e medo: “*menino*

²⁶ Escolhi este caso por ter grande visibilidade, mas há uma grande semelhança em outros casos que podem ser acessados facilmente nos meios de comunicação de massa, como entrevistas em programas de TV, documentários, redes sociais, etc. Além dos grupos terapêuticos de pais.

resolveria 70% de muitos dos meus medos e aflições”; a procura e o despreparo – um tanto violento – da profissional que acolheu a criança, etc. Em uma entrevista ela diz:

Aos **dois anos** ela demonstrou um desconforto com algumas atividades. Então eu lembro de uma cena que eu coloquei ela, enquanto menino na época, para fazer a barba com o pai e a hora que ela se olhou no espelho e se viu com a espuma de barbear e o pai, ela armou um escândalo, *“papai não, papai não”*, **porque pra ela aquilo incomodou muito, ela se ver menino e se ver igual ao pai**. E quando chegava alguém em casa e falava *“ai a cara do pai, vai ser lindo igual ao pai”* ela chorava muito, ela não gostava. **Aos dois anos, a gente procurou uma psicóloga que nos orientou a reforçar o masculino**. Falou que a gente não estava sabendo ser pais de um menino. Ela falou pra mim: *“veja mãe são dez horas da manhã e você está de salto alto e maquiagem e uma mãe de menino não pode ser assim”*. E aí a gente foi **reforçando esse masculino** até que com **três anos e meio ela falou** um dia pra mim ela falou pra mim: *“mãe, que pena que eu não nasci menina né? Porque eu seria mais feliz!”*. [...] **Eu tenho medo o tempo todo, todo o dia, toda hora**. Eu não sei mais o que é viver sem medo. Eu tinha o Bento e o Bento era um menino branco, classe média alta, cis [sic]. O Bento eu sonhava muitas coisas para ele, eu sonhava com casamento, viagens, festas, filhos, netos, porque a expectativa de vida dele era 75. Ágatha é uma menina branca, classe média, trans, ainda com muitos privilégios por ser branca e classe média, mas a expectativa dela é de 35 de vida, porque a população trans é assassinada com requintes de crueldade e tortura. Dá pra sonhar com muita coisa quando o relógio bate 35? Não!²⁷

Relatos semelhantes a este não são raros. Existe um padrão nos depoimentos e comportamento dos pais de crianças que são consideradas transsexuais que dizem respeito às próprias fantasias sobre a criança e a uma tentativa de repressão destes comportamentos. São pais inseguros, muitas vezes imaturos, e que desconhecem sobre as manifestações normais do desenvolvimento psicosssexual. Mas não cabe a nós psicanalistas julgar a postura destes pais que também precisam de acolhimento e que são facilmente cooptados por esses discursos que prometem “resolver” os problemas de seus filhos a partir dessas intervenções. Pois, caso contrário, ocorrerá o mesmo com os seus filhos o que as estatísticas demonstram sobre a morte desses sujeitos, seja por suicídio ou transcídio. Afinal, qual mãe ou pai quer enterrar seu filho? Além disso, é importante não colocar sobre os ombros da criança “o peso imenso da expectativa de um pai ou uma mãe que a transformam na única razão de sua felicidade. Em suma, o falo não é nosso filho” (NASIO, 2011, p.41).

Há um número crescente de busca por intervenções corporais – cada vez mais precoce – entre meninas e meninos. Sintoma de uma sociedade esquizoparanóide de recorre ao concreto para “resolver” seus conflitos. No entanto, assim como um número crescente de jovens fazendo a transição de gênero, temos também um número crescente de jovens que estão destransicionando. É na adolescente onde essas características corporais que evidenciam a diferença sexual que o sujeito vai se deparar com sua incompletude – a falta – iniciado na

²⁷ Trechos de uma entrevista da no canal [AMAR por Mariana Kupfer](https://www.youtube.com/watch?v=Saxn9TR0mYI) no Youtube chamado “Mãe apoia filha de 4 anos em transição de gênero”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Saxn9TR0mYI>

posição depressiva. Além disso, o sentimento de ambivalência nessa fase é ainda maior. O adolescente se vê completamente dependente de seus pais, motivando assim a maioria dos conflitos com eles (NASIO, 2011).

4.2 Adolescência

Infelizmente, há uma tentativa de deslegitimar as vozes dos “destransicionados” por parte do transativismo, alegando ser uma ameaça as conquistas do movimento de pessoas trans e possíveis retrocessos que podem causar (JORGE; TRAVASSOS, 2018). Se fizermos uma pequena pesquisa sobre o assunto, teremos acesso a vários depoimentos de pessoas que resolveram destransicionar e pessoas contrárias a esse movimento dos “destrans”. Vários são os motivos por essa escolha, dentre elas, de acordo com uma estudo com uma amostra de 100 pessoas que destransicionaram, são reflexos das discriminações sofridas, ficando mais confortável com sua identificação com o sexo de nascença, complicações do uso medicamentoso e a percepção de que a disforia de gênero se seu por causas traumáticas na infância, abuso sexual, homofobia interna ou comorbidade com algum transtorno mental. Alegam também que não tiveram uma orientação adequada antes do tratamento (LITTMAN, 2021).

Além de tentarem silenciar essas vozes tão importantes que mostram as falhas e os perigos de iniciar a transição de forma tão precoce mobilizados por uma mudança social onde o acesso a (des)informação está cada vez mais fácil, em nome de uma pretensa luta por direitos e dignidade à população trans, esses sujeitos são ignorados e vistos como um novo inimigo da comunidade. Mas eles não são os únicos que sofrem com uma tentativa de silenciamento, assim como mencionado na introdução deste estudo sobre o caso da Djamilia Ribeiro, Jorge e Travassos (2018, p.124) menciona sobre “um triste testemunho sobre a liberdade acadêmica” onde alguns pesquisadores que escreveram em um relatório “Sexuality and gender” que “temiam a resposta enfurecida dos elementos mais militantes da comunidade LGBTI+; [...] alguns temiam as represálias de suas próprias universidades por se envolverem em questões controversas, independentemente do conteúdo informado” (LAWRENCE; MAYER; McHUGH, 2016 *apud* JORGE; TRAVASSOS, 2018, p.124).

Acredita-se que o número seja muito maior de pessoas que estão no processo de destransição, mas que evitam se expor ou procurar ajuda dos profissionais de saúde e saúde mental por medo das represálias e vergonha sentida pelo arrependimento (JORGE; TRAVASSOS, 2018).

No terceiro ensaio de Freud (1905/2016) sobre as transformações na puberdade, o corpo na adolescência vai sofrer grandes mudanças onde o adolescente vai ter que reviver seus antigos traumas do conflito de Édipo e que vão direcionar seus investimentos libidinais em novos objetos, onde fora anteriormente predominantemente autoeróticas e durante o período de latência adormecidas, agora vão ser demarcadas pela diferença sexual. As transformações corporais que a puberdade exige, principalmente as características sexuais secundárias, - marcadores dos sexos biológicos - apresentam desafios para a elaboração psíquica para aqueles que têm um empobrecimento simbólico. “A descoberta do objeto é, na verdade, uma redescoberta” (FREUD, 1905, p.143) e por isso que o trabalho criativo também é importante da adolescência. Isto é, são questões que o adolescente se depara extremamente importantes a serem enfrentadas psiquicamente com as mudanças corporais intimamente ligadas as nossas fantasias edípicas, essenciais no processo de simbolização.

É importante entender que a adolescência é um momento de vida extremamente vulnerável. O adolescente está vivenciando o luto da infância perdida, um processo doloroso, lento e silencioso de acordo com Nasio (2011). É o luto de seu corpo infantil, pelos pais da infância e por sua própria vida infantil. De acordo com Aberastury e Knobel (1981) o adolescente enfrenta duas batalhas em relação ao seu luto, a do abandono do seu corpo de criança com a aparição dos caracteres secundários os quais lhe impõem a definição sexual e o papel que terão que assumir, “não só na união com o par, mas também com a procriação. E isto exige o abandono da fantasia do sexo duplo.” (ABERASTURY; KNOBEL, 1981, p. 64). Para as autoras, essa renúncia também é a renúncia ao incesto, o qual o púbere revive uma frustração inicial ligada ao complexo de Édipo. Ou seja, a dor da ferida narcísica volta com muita força e várias fantasias primitivas retornam à mente imatura do adolescente.

Segundo Nasio (2011) o adolescente tem dificuldades de identificar e verbalizar o que sente e vive no seu mundo interior. Quando ele não fala, não é porque não quer se comunicar com o outro, mas porque não consegue traduzir em palavras e por isso é levado a agir, suas angústias são traduzidas em ações. Em suas palavras, “Seu sofrimento, sentido confusamente, não formável e, em suma, *inconsciente*, manifesta-se antes por meio de comportamentos impulsivos, não sendo conscientemente vivido nem posto em palavras” (p. 17, grifo do autor). Por este motivo é importante o papel do adulto, seus responsáveis ou o seu analista, “soprar-lhe” as palavras para que o adolescente possa elaborar suas angústias de outra maneira que não a intervenção corpórea, oferecidas pela medicina.

Segundo Kouzak e Reimann (2022) a defesa de uma identidade neutra, na qual o sujeito escolhe aquilo que ele pretende ser, ou seja, é oferecida à criança ou ao adolescente a “escolha”

de como quer ser reconhecido corporalmente no mundo, num momento em que o desenvolvimento depende da resposta do ambiente para que isso ocorra, a fim de evitar o sofrimento que o princípio da realidade impõe, também pode afetar os processos de desenvolvimento dessa criança ou adolescente. Pois, como vimos no capítulo anterior, Winnicott (1990/2000 *apud* KOUZAK; REIMANN, 2022) defende que uma criança não nasce sozinha, portanto, é papel dos pais e cuidadores protegê-la, inclusive diante de situações que requerem decisões maduras sobre a vida da criança.

Em uma tentativa de evitar um sofrimento futuro de uma criança pode-se assim impedi-la de desenvolver sua própria identidade diante de traumas inevitáveis da vida, como por exemplo, o limite (KOUZAK; REIMANN, 2022). Ora, a mãe suficientemente boa não é uma mãe que transita nos polos, isto é, uma mãe excessivamente privadora e gratificadora. As autoras trazem também que a criança ou o adolescente “trans” nessa visão, de que é na infância ou na adolescência que deve decidir com qual gênero se identifica, não permite que ela transite, já que nessa teoria ela deverá tão prematuramente decidir qual a sua escolha de objeto e com quem ela irá se identificar somente concretamente em seu corpo.

O adolescente deve ao mesmo tempo perder, conservar e conquistar: *perder* seu corpo de criança e o universo familiar no qual cresceu; *conservar* tudo o que sentiu, percebeu e desejou desde seu primeiro despertar, em especial sua inocência de criança; e *conquistar* finalmente a idade adulta. Deve abandonar sua infância ao mesmo tempo em que a ama e encontrar novas referências para consolidar sua identidade de homem ou mulher (NASIO, 2011, p.49 -50).

Portanto, respeitar e garantir a ordem de maturação do ego e do desenvolvimento psicosssexual é primordial para o desenvolvimento saudável do sujeito, possibilitando outras formas de elaboração dessas angústias e da sua “identidade sexual” sem ter que recorrer às intervenções irreversíveis, prematuramente. Não há estudos longitudinais que alertam sobre as consequências dessas intervenções irreversíveis e o tal procedimento “reversível” em púberes. Mas já existem vários dados e estudos recentes sobre as consequências de curto prazo, os “destrans” são exemplos dos impactos dessas intervenções precoces e rápidas.

Pessoas em sofrimento precisam ser escutadas e não medicadas e direcionadas a uma mesa de cirurgia. A política de afirmação de gênero não pode ser a única saída para as angústias de castração, principalmente porque é um caminho sem volta. Os efeitos psicológicos não são questionados. Os sujeitos vão aos consultórios com o discurso pronto para conseguir o tratamento e fazer a transição. O adolescente instruído por esses adultos internautas não podem ser questionados. O adolescente é impulsivo e não enxerga as consequências perigosas dessas intervenções e o adulto maduro não deve permitir que essa decisão esteja nas mãos desses jovens.

5 GRUPOS IDENTITÁRIOS E A PSICOLOGIA DAS MASSAS

Nenhuma ciência escapa de seu tempo histórico, assim como as mudanças e a formação das subjetividades. Toda cultura responde ao modo de funcionamento social – isso engloba os modelos econômicos e políticos – e isso muda a relação que nós temos com o sofrimento humano; e o funcionamento social modifica-se de acordo com o estado mental de uma população, a qual mudará uma cultura. Estamos vivendo, hoje, em uma sociedade psicótica.

Podemos ver o reflexo desse fenômeno, por exemplo, nos Manuais de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais que aos longos dos anos só cresce, assim como as fragmentações de grupos minoritários, principalmente das expressões da sexualidade humana como grupos identitários, saindo assim da esfera privada para a coletiva. Ao mesmo tempo em que o CID 10 e DSM V são escritos e reescritos em parceria com as indústrias farmacêuticas que querem vender seus produtos. Quando pensamos em pessoas que precisarão de supressores hormonais para toda uma vida independente das consequências, quem sairá lucrando? Sem contar com a castração química que essas crianças e adolescentes sofrem. Será que elas possuem maturidade emocional para fazer essa escolha? Como podemos constatar no capítulo anterior, não. Até porque “as intervenções dos terceiros, **que não os pais**, são muitas vezes bem-recebidas pelo jovem porque não oferecem o risco de reavivar seu sentimento de inferioridade” (NASIO, 2011, p.93, grifo nosso).

Em uma sociedade neoliberal o homem é visto como um bem de consumo e empresário de si. A capitalização das relações usa o sofrimento humano em seu favor – para o trabalho e para a produção – modificando a maneira como lidamos com as nossas relações de troca, modelos e desejo. E o que dizer sobre o progressismo? Será que estamos ainda diante de uma luta por emancipação? De acordo com a Roudinesco (2022, p.9),

as reivindicações hoje são [...] o inverso do que foram durante um século. Luta-se menos pelo progresso, cujas conquistas, às vezes, até rejeitadas. As pessoas exibem seus sofrimentos, denunciam as ofensas, dão livre curso aos seus afetos, como marcadores identitários que exprimem um desejo de visibilidade, seja para afirmar sua indignação, seja para serem reconhecidas.

Isto posto, como poderíamos pensar sobre as novas configurações das identidades de gênero que vêm aumentando o alfabeto a cada dia e fragmentando cada vez mais os grupos sociais e a relação com a alteridade? Para Roudinesco,

Na atual cultura do cancelamento e da denúncia pública, em que prevalecem o culto do indivíduo, a hipertrofia do eu e o narcisismo das pequenas diferenças, tudo conflui para o acirramento das tensões e da violência entre os diferentes grupos identitários. Embora originalmente movidos por tendências libertárias – **e progressistas** – os novos caminhos que se abrem aprisionam a reflexão em parâmetros rarefeitos, destroem a liberdade de expressão e parecem indicar um retrocesso da civilização,

num movimento exatamente oposto ao que Freud propôs em sua obra, que desconstruiu a fixidez das identidades (JORGE, 2022, orelha do livro, grifo nosso).

Para compreender este mal-estar na sociedade contemporânea - um tanto esquizoparanóide – que se forma como resposta à própria dinâmica cultural na vida adulta e aos perigos que se derivam dela, foi importante compreender a formação arcaica da psiquê e a formação da subjetividade a partir nas nossas primeiras relações sociais, isto é, nosso seio familiar, como bem confirma Freud (1921/2020) sobre a formação das nossas pulsões sociais. Nossas identificações com nossas figuras primárias vão ser pilar na formação da nossa subjetividade, que por sua vez tem a ver com a “identidade” sexual na qual nos percebemos. No entanto, esses processos de identificações se dão a partir do entrelaçamento dos elementos psíquicos e sociais que vão ser importantes e decisivos no processo de socialização humana (GUIMARÃES; CELES, 2007).

Em “alma coletiva”, o indivíduo se comporta, se sente e pensa, na maioria das vezes, muito diferente de como seria se estivesse isolado, como bem pontua Freud (1921/2020). Além disso, segundo ele, o Outro na vida do sujeito, via de regra, serve como modelo, objeto, auxiliar e adversário e por isso que a subjetividade humana não está desligada da sociedade. O sujeito sob influência da massa se comporta de uma determinada maneira, ele funciona na lógica daquele grupo o qual ele se identifica, ele só funciona desta maneira em massa quando está fragilizado e precisa viver a fusão, ser igual. Ou seja, não há respeito pelo diferente. Geralmente, o indivíduo tem um rebaixamento intelectual, falta de independência, intolerante à alteridade, falta de controle emocional, violento e extremamente afetivos, em detrimento de racionais (FREUD, 1921/2020).

Freud (1921/2020, p.141) vai citar Le Bon em seu estudo sobre a psicologia das massas onde ele vai dizer que “por trás dos motivos confessados de nossos atos existem, sem dúvida, as razões secretas que não confessamos, mas por trás destas existem razões ainda mais secretas, que nós mesmo ignoramos”. Essa interessante citação pode ser interpretada e presumida que entre esses grupos identitários, por trás de uma boa intenção, existe uma negação e ódio à alteridade que ameaça o aniquilamento de sua existência, que por sua vez tem origem em nossas feridas narcísicas mais arcaicas. Pode-se dizer que a tentativa de se unir a um grupo, é uma tentativa legítima do sujeito não se fragmentar, pois diante da percepção da diferença radical do outro, não consegue suportar a diferença interna e cindir-se.

No entanto, paradoxalmente, o que pode vir acontecer é exatamente o retorno do cindido. Pois, esses indivíduos ao apagar sua própria singularidade, regridem para a posição esquizoparanóide, onde o sujeito não reconhece a alteridade e vive a fantasia da onipotência.

Tomados pelo medo desse seio mau frustrador e perseguidor, dirige-se impulsos destrutivo a fim de aniquilar este seio mau. Isto, é, ao se colocar como divergente e diferente do grupo em questão, corre-se o grande risco de receber ataques odiosos. Roudinesco (2022, p.20) vai dizer que “longe de ser emancipador, o processo de redução identitária reconstrói aquilo que pretende desfazer”.

Segundo Freud (1921/2020, p.146), o sujeito em massa “não tolera nenhum adiamento entre seu desejo e a fruição do que foi desejado. Ele tem o sentimento de onipotência; para o indivíduo em massa desaparece o conceito de impossível”. Exatamente como um bebê mobilizado apenas por suas pulsões e, neste caso, intolerante às frustrações.

Hoje, com o advento das mídias sociais, as mobilizações de massas se dão em uma escala imensurável. As reações são contínuas, atemporais e imediatas. O ódio dilacerado na internet é um exemplo de que a massa pensa de forma acrítica e intolerável ao questionamento, ou seja, à dúvida. Para o indivíduo em massa, não há espaço para as incertezas (FREUD, 1921/2020). De acordo com Freud (1921/2020), a massa não se importa com a verdade, eles necessitam estar mergulhados nas ilusões, a que não podem renunciar e o irreal sempre predomina o que é real. Além disso, há sempre um ideal – uma autoridade – o qual estão sujeitos a obediência de um senhor. Esse que se torna o mais novo investimento libidinal do sujeito. E para que se mantenha o investimento, a ilusão precisa existir, pois é a partir dela que o sujeito não se depara com a alteridade e a ambivalência. Assim, não se responsabilizam por suas ações e são sempre vítimas de uma sociedade (PS).

O ódio é sempre dirigido à pessoa que não pertence ao grupo, através do mecanismo de identificação. Esse conceito ganha três formas de acordo com Guimarães e Celes (2007), a primeira diz respeito à sua função na pré-história do complexo de Édipo. Ela é a mais remota expressão do laço emocional com outra pessoa. Ou seja, não somos sem o outro, e consequentemente as influências do social sobre o sujeito.

A segunda forma é apresentada nos casos da neurose histérica. A identificação regressiva onde o sujeito vai imitar a pessoa amada. É aqui que os sintomas têm a ver com nossas identificações, como foi possível ver no caso de Dora, onde ela imita a tosse do pai, como ilustração dessa identificação. É a internalização de um único traço do objeto amado por meio do processo de regressão.

Por fim, a terceira forma, dispensa um vínculo objetal com a pessoa imitada e não há um investimento libidinal direto. Esse tipo de identificação está baseado no desejo de colocar-se na mesma situação que o outro. É a partir da afinidade com esse outro “semelhante”, que os

sujeitos se identificam, como observamos nas formações de coletividades, que é objeto desta pesquisa (GUIMARÃES; CELES, 2007, FREUD, 1921/2020).

A ligação com essa figura ou esse ideal é a forma de manter uma coesão dentro do grupo, que por sua vez tem uma identificação recíproca entre os diferentes egos. A vontade do grupo prevalece sobre as individuais e a repressão do ódio no interior do grupo é dirigida para aqueles que não pertencem ao grupo, um funcionamento esquizo-paranóide. Freud (1921/2020) vai chamar essas atitudes de narcisismo das pequenas diferenças, que é a não aceitação da alteridade e conseqüente eliminação desse inimigo. E o qual Roudinesco critica sobre essas derivas identitárias. E a forma como a gente se coloca no mundo parte desses processos mais arcaicos de nossas vidas. Para ela, “no coração de todo sistema identitário há sempre o lugar maldito do outro, irredutível a qualquer designação e destinado à vergonha de ser si mesmo” (ROUDINESCO, 2022, p.21).

Para Roudinesco (2022), existe uma movimento e intenção delirante de eliminar as diferenças a partir de uma instauração de um “gênero neutro” inscrito nos registros civis e posteriormente através das soluções cirúrgicas, medicamentosa que o avanço médico/tecnológico está proporcionando e o qual está sendo imposto aos púberes, o qual ela defende ser análogo aos maus-tratos infanto-juvenil.

Para além disso, como mencionado no primeiro capítulo sobre um dos maiores problemas que enfrentamos atualmente é que essas identidades crescem e não há um estabelecimento de um limite. A inquestionabilidade sobre essas subjetividades identitárias sexuais e *queer* tem como consequência esse novo grupo sexual, os pedófilos, ou como eles tem ressignificado o termo para desestigmatizar (sic) essa população, os *MAPS*. Não aprofundaremos sobre esta questão na pesquisa, mas este fenômeno tem ganhado mais visibilidade entre a comunidade academia e o público em geral. Uma rápida pesquisa nas bases de dados acadêmicos encontramos inúmeras pesquisas desta temática. Várias instituições governamentais e não governamentais fora do país como Estados Unidos, Canadá e Inglaterra têm aderido ao tratamento de *MAPS* com o mesmo protocolo da “terapia de afirmação de gênero” usados no tratamento de pessoas que estão em processo de transição de gênero (BEIER, 2020). Segue um trecho do guia psicoterápico do seu programa:

Psicoterapia para Pessoas Atraídas por Menores: O modelo de tratamento preferido é a psicoterapia afirmativa LGBT, que trata os sentimentos sexuais como inatos, imutáveis e sujeitos à aceitação pessoal. A American Psychological Association fornece diretrizes em seu site (veja abaixo). Aplicada à pessoa atraída pelo menor, a terapia afirmativa separa a orientação sexual de sua expressão, enfatizando o crescimento pessoal e a aceitação da idade de atração. Isso de forma alguma endossa o contato sexual entre adultos e menores (B4U-ACT, 2020, p.2, **tradução nossa**).

Há uma tendência em naturalizar, isto é, colocar como inato essas manifestações sexuais e identitárias. Assim como há uma defesa que “se nasce pedófilo”, o transativismo – pautado em um discurso médico – também defende que pessoas “nascem trans”. E por isso, foi mencionado no primeiro capítulo que as políticas de identidade de gênero em crianças e adolescentes abrem portas para relativização da pedofilia e a diminuição cada vez mais da idade consensual sexual – e a contribuição do desaparecimento da infância.

Este capítulo visou fazer uma crítica as crescentes coletividades que estão prevalecendo sobre as singularidades. A psicanálise enquanto saber do campo das singularidades precisa se posicionar diante do que está acontecendo coletivamente e impactando sobre essas individualidades que aparecem diariamente em nossas clínicas. Como afirma Kouzak e Reimann (2022) o lugar do analista é diferente daquele do antropólogo, sociólogo e médico que oferece soluções rápidas para questões complexas e profundas. O lugar do psicanalista é mais modesto, e não menos importante, é acolher esse sujeito em sua singularidade e oportunizar o paciente elaborar suas angústias, lidar com sua incompletude e espaço para um trabalho criativo da formação simbólica, a fim de encontrar outras saídas para suas angústias, principalmente em crianças e adolescentes que ainda estão em processo de desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de infância foi um processo de construção social e historicamente acelerado graças às tecnologias de comunicação. Paradoxalmente, essa mesma tecnologia tem contribuído para o desaparecimento da infância como defendido por Neil Postman. Esse projeto de apagar com as diferenças entre o adulto e o infante tem consequências inestimáveis a curto e longo prazo sobre a saúde física e mental desses sujeitos. Vale lembrar que a categoria de infância e adolescência separada da do adulto pode não ter existido durante um período, mas esses sujeitos continuavam a ser crianças e adolescentes e seres em formação, o que não existia era o conceito. A partir dos fatos históricos foi possível constatar que eram seres mais vulneráveis e manipuláveis dessa sociedade perversa que sempre se aproveitou dessa condição frágil e inerente ao desenvolvimento humano.

Não cabe mais aos pais a educação dos filhos, mas a essas milhares de figuras que prestam um papel de tutores na internet: esses filhos – crianças e adolescentes – que são presas fáceis de adultos “bem” intencionados que seduzem eles por meio da *identificação* de adultos infantilizados. Esses pais que também fazem parte dessa sociedade são igualmente afetados por esses mesmos fenômenos sociais e com o ego fragilizado e desintegrado não estão exercendo seus papéis em casa e por isso seus filhos viram presas fáceis para os perversos virtuais. Esse estudo sugere que estamos diante de pais que têm muito medo de frustrar e estabelecer limites e serem odiados por isso por seus filhos. Isso pode significar que estamos diante de uma regressão da conquista social que é a infância. Nesse contexto, nos parece que a linha que separa o mundo infantil para a do adulto está cada vez mais tênue, fragilizada, quase rompida, o que pode gerar impactos no desenvolvimento emocional da população.

A partir do momento em que você considera uma criança um “mini adulto” e que ela tem a capacidade de entender a complexidade que é a sexualidade humana, seja em relação às escolhas objetivas ou identidade sexual, e consentir as intervenções corporais irreversíveis, que é de ordem sexual, abrimos uma brecha perigosa de que os pedófilos se apropriam enquanto discurso sobre o consentimento sexual e aderem ao discurso identitário de uma minoria sexual para legitimar o seu desejo perverso.

A teoria psicanalítica sustenta que esse sujeito, ainda em formação, não tem maturidade suficiente para tomar uma decisão tão importante para o resto da sua vida. A adolescência, por sua vez, apesar de já pensarmos na possibilidade de uma transexualidade, é uma fase do desenvolvimento conturbada e mais vulnerável. O adolescente que não teve uma formação do ego saudável e uma falha no ambiente são mais induzidos naturalmente as influências sociais.

No entanto, se esse ego, desde a tenra idade, for amparado por esses pais maduros, esse adolescente estará mais seguro para enxergar os limites do próprio corpo e estabelecer limites ao outro, reconhecendo este como diferente. Para a psicanálise é importante reforçar e proteger a infância e adolescência enquanto uma fase de desenvolvimento diferente da do adulto e intervenções sobre esse corpo podem causar traumas para o resto da vida do sujeito podendo levá-lo ao autoextermínio. Não somos sem corpo, nós somos erotizados a partir desse corpo, nossas identificações se dão a partir desse corpo. Toda mudança no corpo implica uma perda, e toda perda demanda um luto.

Quando este estudo se propõe a criticar os movimentos identitários, não significa deslegitimar as lutas sociais por dignidade humana e conquistas de direitos que todos nós merecemos, mas sobre a intolerância que estes têm sobre a alteridade e o pensamento diferente, bem como os impactos negativos que as coletividades têm sobre as singularidades que estes não consideram, crianças e adolescentes ainda em processo de formação do Eu. Dentre as consequências dos movimentos identitários, destaca-se o surgimento de grupos que relativizam a pedofilia. Sob pretexto de serem minorias sexuais, esses grupos ganham força e voz dentro das discussões identitárias, dificultando o alerta e a denúncia dentro da comunidade acadêmica.

Esses grupos, ao invés de promoverem a aceitação da diversidade, vão em direção contrária e eliminam qualquer possibilidade de alteridade. Aniquilando esse “inimigo” ameaçador, através dos famosos cancelamentos, ameaças e disseminando ódio. O excesso de ódio é bem presente na posição esquizo-paranóide. Não muito diferente do fundamentalista religioso que só enxerga sua verdade como sendo a única verdade, e qualquer um que ameace essa ilusão, será eliminado. Como observamos nas reações frente a pensadores que discordam com o pensamento homogêneo do grupo e aqueles que “se rebelaram” e se arrependeram de ter caído nas armadilhas dessas políticas, como no caso das pessoas que destransicionaram.

A academia deve ser um espaço para a liberdade intelectual sem que o pesquisador sofra represálias por parte de grupos sociais bem organizados que estão inseridos dentro da mesma. Ainda que as discussões no campo intelectual possam gerar desconfortos e reações defensivas, é papel do pesquisador – e aqui no lugar de uma analista em formação – problematizar as novas tecnologias que geram sofrimento para determinados grupos e possibilitar um outro olhar, ainda que divergente, da que está estabelecida. O que não pode ocorrer é o mesmo que está acontecendo em outros países como o Canadá como no caso do Jordan Peterson, psicólogo canadense que começou a falar do sufocamento de ideias divergentes no meio acadêmico e hoje está correndo o risco de perder seu direito de exercer sua profissão.

A psicanálise traz um olhar diferente do discurso médico e transativista para tratar de questões identitárias sexuais, sobretudo em relação a idade para consentir qualquer intervenção irreversível sobre o próprio corpo. É necessário um adulto maduro e com o ego já integrado para que ele possa orientar e amparar esse jovem angustiado. E que esses jovens possam dar vazão às suas angustias diferente das oferecidas pela medicina e pelos grupos identitários, considerando que a escolha de objeto definitiva e a resolução das questões edípicas e sexuais se dão após a puberdade.

Com o surgimento e o crescimento de outra “categoria identitária” que são os destras, constatamos o quanto as intervenções sobre o corpo são falhas e não tamponam as angústias inerentes à nossa existência. A psicanálise vem para oferecer outra saída para essas angústias que não a intervenção sobre o real no concreto – uma intervenção psicótica. Elaborar essas angústias e atravessar por elas. Além disso, resgatar a individualidade e singularidade de cada experiência subjetiva, distanciando do discurso pronto e identitário que elimina as diferenças e a própria experiência. É necessário que se nomeie o sofrimento a partir da própria realidade, lidar com a própria sexualidade, objeto de escolha e identidade sexual. A clínica é do singular e não do grupo. Fortalecer esse EU – e não recorrer a essas intervenções corporais precoces.

Afinal, o desenvolvimento psíquico do sujeito e assim, o conseqüente modo ser e estar no mundo, está intimamente atrelado às nossas vivências e funcionamentos mais arcaicos. Nossas primeiras relações objetais serão referência ao longo de toda nossa vida e o modo como cada sujeito é amparado no seu primeiro grupo social que é o seio (materno) familiar. As feridas narcísicas e os conflitos edípicos estão presentes ao longo do desenvolvimento psicosexual e se dão a partir dos nossos corpos sexuados. A intervenção sobre esses corpos de forma precoce pode ter implicações irreversíveis e por isso que é preciso resistir à política massiva pautada no discurso médico em aliança com os grupos identitários.

Como foi elaborado ao longo deste estudo, é extremamente importante pensarmos sobre os impactos das mudanças sociais sobre as subjetividades infanto-juvenis que são os mais vulneráveis: esses movimentos são liderados por adultos na luta por direitos e mudanças sociais que são relativos ao mundo adulto. Ou seja, pensados por adultos para adultos. Logo, é imprescindível que as políticas públicas que atingem crianças e adolescente estejam articulados com vários atores sociais, a qual a psicanálise tem um grande papel nos estudos sobre o desenvolvimento humano, principalmente sobre a sexualidade.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda e KNOBEL, Mauricio. **ADOLESCÊNCIA NORMAL: Um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos editora, 1981.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Nota pública de repúdio a entrevista do Dr. Alexandre Saadeh, ao portal universa/uol**. Brasília, 2019.

BBC NEWS BRASIL. **Balenciaga: grife se desculpa por anúncios com crianças e ursinhos 'fetichistas'**. 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-63784960>> Acesso em: 05 dez 2022.

B4U-ACT. **History**. 200-?. Disponível em: <<https://www.b4uact.org/about-us/history-2/>> Acesso em: 28 out 2022.

B4U-ACT. **Psychotherapy for MAPs**. 2020. Disponível em: <<https://www.b4uact.org/for-therapists/psychotherapy-for-the-map/>> Acesso em: 01 nov 2022.

BEIER, Klaus M. Proactive strategies to prevent child sexual abuse and the use of child abuse images: The German Dunkelfeld-Project for Adults (PPD) and Juveniles (PPJ). In: **Sexual violence**. Springer, Cham, 2016, p. 249-272.

BRASIL. **Resolução CFM 2.265**. Brasília, 2020. Disponível em: <<https://sistemas.cfm.org.br/normas/visualizar/resolucoes/BR/2019/2265?fbclid=IwAR3ICFt7aIPSjTxPPxK9oN96VOQm4uPlxZ3pkl-gi7wScXeAnI3hEwgD3Vc>> Acesso em: 15 dez 2022.

CROMBERG, Renata Udler. Violência, pedofilia, incesto: o mal-estar na atualidade. In: FRANÇA, Cassandra Pereira (org.). **Perversão: As engrenagens da violência sexual infantojuvenil**. Rio de Janeiro: Imago, 2010.

DEL PRIORI, Mary. **História das crianças no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007

FEDERAL, Governo. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei federal**, 1990.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas: Três ensaios sobre A teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos:(1901-1905)**. Tradução Paulo César de Sousa. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. (1921) Psicologia das Massas e Análise do Eu. In: **Cultura, Sociedade, Religião: o mal-estar da cultura e outros escritos**. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 7, n. 1, p. 147-160, 2007.

GUIMARÃES, Veridiana Canezin; CELES, Luiz Augusto M. O psíquico e o social numa perspectiva metapsicológica: o conceito de identificação em Freud. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, p. 341-346, 2007.

ISAACS, Susan. A natureza e a função da fantasia. *In*: KLEIN, Melanie et al.; RIVIERE, Joan (org.). **Os progressos da psicanálise**. Rio de Janeiro: Guanabara 3ª ed, 1986. p. 79-135. (Trabalho original publicado em 1952).

JANUARIO, L. M. **Transferência e Espaço potencial**: a relação analítica com crianças em estados autísticos e psicóticos. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

JORGE, Marco Antônio Coutinho; TRAVASSOS, Natália Pereira. **Transexualidade: o corpo entre o sujeito e a ciência**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

KLEIN, Melanie. (1928). “Estágios iniciais do conflito edípiano”. *In*: “**Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**”. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 214-227.

_____. (1935). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. *In*: “**Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**”. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 301-329

_____. (1937). Amor, culpa e reparação. *In*: “**Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**”. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 346-384.

_____. (1945). “O complexo de Édipo à luz das primeiras ansiedades”. *In*: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 413-464.

_____. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizoparanóides. *In*: **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p. 20-43.

_____. (1948). Sobre a teoria da ansiedade e da culpa. *In*: **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p.44-63

_____. (1955). Sobre a identificação. *In*: **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p. 169-204

_____. (1957). Inveja e gratidão. *In*: **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p. 205-267

KOUZAK, Valeska; REIMANN, Erika. The Psychoanalytic Crisis: The Place of Ego in a Contemporary World. **The Wounds of Our Mother Psychoanalysis - New Models for a Psychoanalysis in Crisis**, London, United Kindom, p. (1-16), nov., 2022. Disponível em: <<https://www.intechopen.com/online-first/83617>> Acesso em: 27 nov 2022.

LIONÇO, Tatiana. **9º SEMINÁRIO LGBT – Plenárias da manhã**. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ep1CFXOMS1s>> Acesso em: 15 dez 2022.

LITTMAN, Lisa. Individuals treated for gender dysphoria with medical and/or surgical transition who subsequently detransitioned: A survey of 100 detransitioners. **Archives of sexual behavior**, v. 50, n. 8, p. 3353-3369, 2021.

NAMBLA. **WHO WE ARE**. 2011. Disponível em:
<<https://www.nambla.org/welcome.html>.> Acesso em: 31 out 2022.

NANTES, Flavio Adriano. Diálogos TRANSversais: a Travesti quer um beijo: Entrevista com Letícia Carolina Nascimento. *In*: Revista Rascunhos Culturais. **Revista do Curso de Letras**, Coxim, MS, v.12, n.24, p. 11-38. jul./dez. 2021. Disponível em:
<<https://revistarascunhos.ufms.br/revista-rascunhos-culturais-no-24/>> Acesso em: 13 set 2022.

NASIO, Juan-David. **Como agir com um adolescente difícil?: um livro para pais e profissionais**. Tradução André Telle. – Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

NUNES, Thamirys Nardini. **Minha Criança Trans?: Relato de uma mãe ao descobrir que o amor não tem gênero**. 1ª ed. Curitiba: Camila Cassins Jordão, 2020. Versão ebook gratuita disponível em: <<https://ler-livros.com/ler-online-ebook-pdf-minha-crianca-trans-relato-de-uma-mae-ao-descobrir-que-o-amor-nao-tem-genero-baixar-resumo/>> Acesso em: 15 nov 2022.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. (SMA Carvalho & JL Melo, Trad. s). Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

QUINODOZ, Jean-Michel. **Ler Freud: guia de leitura da obra de S. Freud**. Artmed Editora, 2007.

RIBEIRO, Djamila. **Nós, mulheres, não somos apenas ‘pessoas que menstruam’**. Folha de São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/djamila-ribeiro/2022/12/nos-mulheres-nao-somos-apenas-pessoas-que-menstruam.shtml>> Acesso em: 02 de dezembro de 2022.

ROUDINESCO, Elisabeth. **O eu soberano**: Ensaio sobre as derivas identitárias. 1ª ed, Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

SAADEH, Alexandre. **Transtorno de identidade sexual**: um estudo psicopatológico de transexualismo masculino e feminino. 2004. Tese (Doutorado) – Curso de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

_____. Quem Sou Eu?: conheça crianças transgênero na estreia da nova série. [Entrevista concedida ao Fantástico] Renata Ceribelli. **Programa Fantástico da TV Globo**, 2017. Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/fantastico/2017/quem-sou-eu/?_ga=2.238771847.645160883.1670692675-1526436260.1624282651> Acesso em: 01 dez 2022.

SÉDAT, Jacques. **Compreender Freud**. Tradução Nicolás Nyimi Campanário. Edições Loyola, 2011.

SEGAL, Hanna. (1957). Notas a respeito da formação de símbolos. **In: H. Segal. A obra de Hanna Segal: uma abordagem kleiniana à prática clínica.** Rio de Janeiro: Imago, 1981. p.167-184.

TAVARES, Renata Cobetta. O bebê imaginário: uma breve exploração do conceito. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 18, n. 1, p. 68-81, 2016. Disponível em: <<https://cdn.publisher.gn1.link/rbp.celg.org.br/pdf/v18n1a06.pdf>> Acesso em: 01 dez 2022.

WINNICOTT, Donald Woods. (1945). Desenvolvimento emocional primitivo. **In: Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas.** Rio de Janeiro: Imago, 2000, cap. 12, p. 218-232.

_____. A preocupação materna primária. (1956) **In: Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas.** Rio de Janeiro: Imago, 2000, cap. 24, p. 399-405.